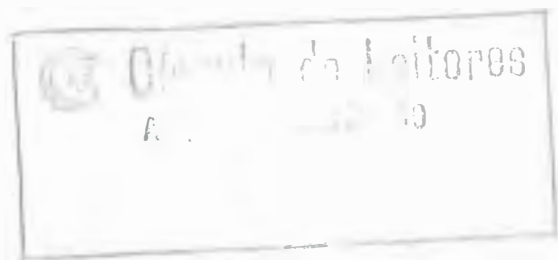


A GERAÇÃO DE 70

ANTERO DE QUENTAL

SONETOS

Segundo volume



CÍRCULO DE LEITORES

Capa de: Antunes
Impresso e encardado por Printer Portuguesa
no mês de Setembro de mil novecentos e oitenta e sete
Número de edição: 2173
Depósito legal número 14 722/87

PREFÁCIO

Escrevendo estas breves páginas à frente dos Sonetos de Antero de Quental tenho a satisfação íntima de cumprir o dever de tornar conhecida do público a figura talvez mais característica do mundo literário português e decerto aquela sobre que a lenda mais tem trabalhado. Estou certo, absolutamente certo, de que este livro, embora sem eco no espírito vulgar que faz reputações e dá popularidade, há-de encontrar um acolhimento amoroso em todas as almas de eleição, e durar enquanto houver corações aflitos, e enquanto se falar a linguagem portuguesa.

Procurarei no que vou dizer, guardar para mim aquilo que ao público não interessa: a viva amizade, a estreita comunhão de sentimentos, o affecto quase fraterno que há perto de vinte anos nos une, ao poeta e ao seu crítico de hoje, fazendo da vida de ambos como que uma única alma, misturando invariavelmente as nossas breves alegrias, muitas vezes as nossas lágrimas, sempre as nossas dores e os nossos entusiasmos ou nosso desalento.

Discutindo em permanência, discordando frequentemente, ralhando a miúdo, zangando-nos às vezes e abraçando-nos sempre: assim tem decorrido para nós perto de vinte anos. Mas o leitor é que nada tem que ver com esses

casos particulares, nem com o abraço que trocámos no dia em que primeiro nos conhecemos e que só terminará naquele em que um de nós, ou ambos nós, formos descansar para sempre sob meia dúzia de pás de terra fria.

I

Eu não conheço fisionomia mais difícil de desenhar, porque nunca vi natureza mais complexamente bem dotada. Se fosse possível desdobrar um homem, como quem desdobra os fios de um cabo, Antero de Quental dava alma para uma família inteira. É sabidamente um poeta na mais elevada expressão da palavra; mas ao mesmo tempo é a inteligência mais crítica, o instinto mais prático, a sagacidade mais lúcida, que eu conheço. É um poeta que sente, mas é um raciocínio que pensa. Pensa o que sente; sente o que pensa.

Inventa e critica. Depois, por um movimento reflexo da inteligência, dá corpo ao que criticou, e raciocina o que imaginou. O seu temperamento apresenta um contraste correlativo: é meigo como uma criança, sensitivo como uma mulher nervosa, mas intermitentemente é duro e violento.

É fraco, portanto? Não. A vontade, em obediência à qual, e com esforço, se faz colérico, fá-lo também forte — dessa força persistente, raciocinada e na aparência plácida, como a superfície do mar em dias de bonança. O oceano, porém, é interiormente agitado pelo gulf stream quente e invisível: também às vezes a placidez extrema da sua face encobre ondas de aflição que sobem até aos olhos e rebentam em lágrimas ardentes. Sabe chorar, como todo o homem digno da humanidade.

É destas crises que nasceram os seus versos, porque Antero de Quental não faz versos à maneira dos literatos:

nascem-lhe, brotam-lhe da alma como soluções e agonias. Mas, apesar disso, é requintado e exigente como um artista: as suas lágrimas hão-de ter o contorno de pérolas, os seus gemidos hão-de ser musicais. As faculdades artísticas geradoras da estatuária e da sinfonia são as que vibram na sua alma estética. A noção das formas, das linhas e dos sons possui-a num grau eminente: não já assim a da cor nem a da composição. Aos quadros chama painéis com desdém, e por isso mesmo tem horror à descrição e ao pitoresco. É artista, no que a arte contém de mais subjectivo. A sua poesia é escultural e hierática, e por isso fantástica. É exclusivamente psicológica e dantesca: não pode pintar, nem descrever: acha isso inferior e quase indigno.

Os seus versos são sentidos, são vividos como nenhuns; mas o sentir e o viver deste homem é de uma natureza especial que tem por fronteiras físicas as paredes do seu crânio, mas que não tem fronteiras no mundo real, porque a sua imaginação paira librada nas asas de uma razão especulativa para a qual não há limites.

O poeta é por isso um místico, e o crítico um filósofo. O misticismo e a metafísica, o sentimento e a razão, a sensibilidade e a vontade, o temperamento e a inteligência, combatem-se às vezes dilacerando-se. Eis aí a explicação desta poesia que é o retrato vivo do homem. O génio, esse quid divinatório, que não é honra para nenhuma criatura possuir, porque só nos dá merecimento aquilo que ganhámos à força de inteligência e de vontade; o génio, que é uma faculdade tão accidental como a cor dos cabelos, ou o desenho das feições; o génio, que pode andar ligado a uma inteligência medíocre, mas que o não anda no caso de Antero de Quental — é o predicado particular e a chave do enigma deste homem. O génio pressupõe a intuição de uma verdade visceral ou fundamental da natureza. Essa intuição, essa

aspiração absorvente, é para o nosso poeta a síntese da verdade racional ou positiva e do sentimento místico: uma poesia que exprima o raciocínio, ou antes uma filosofia onde caibam todas as suas visões. O próprio do génio é querer realizar o irrealizável; é ser quimérico, no sentido crítico da palavra, quando por quimera entendemos uma verdade essencial que não pode todavia reduzir-se a fórmulas compreensíveis, ou uma coisa cuja realidade se sente, sem se poder ver.

Dos aspectos quase inesgotavelmente variáveis desta singular fisionomia de homem, desta mistura excepcional de pensamentos e de temperamento num mesmo indivíduo, resulta porém um tipo de sinceridade e de rectidão mais singular ainda, porque mais facilmente podia resultar dela um grande cínico. É sobretudo um estóico, sem deixar de ter bastante de céptico; é um místico, mas com uma forte dose de ironia e humorismo; é um misantropo, quando não é o homem do trato mais afável, da convivência mais alegre; é um pessimista, que todavia acha em geral tudo óptimo. Intellectualmente é a fisionomia mais dúbia, complexa e contraditória por vezes; moralmente é o carácter mais inteiro e melhor que existe. A sua inteligência encontra-se permanentemente no estado de alguém que, querendo ir para um sítio, resiste por não querer ao mesmo tempo, sem todavia ter razões bastantes para querer nem também para não querer. O núcleo da sua personalidade, se a encararmos pelo lado praticamente humano, está na energia do seu querer moral, e não na lucidez do seu pensamento, embora tenha a pretensão de julgar que a sua vontade obedece sempre à sua razão. É verdade que dentro de si tem permanentemente um espelho facetado que representa e critica as modalidades do seu pensamento: mas, por isso mesmo, vê ou inventa faces de mais às coisas, e também por vezes o cristal embacia. O que

nunca esmorece é a bondade luminosa da sua alma. É um homem fundamentalmente bom.

A complexidade do seu espírito dá-lhe uma verdade de aptidões, singular. Conversador como poucos, fácil, espontâneo, original e sugestivo, irónico, humorista, espirituoso, descendo até à própria charge, não há ninguém como ele para soltar o carro da sua fantasia crítica na ladeira de uma tese e, explorando-a em todos os sentidos, architectar uma teoria. Os seus opúsculos em prosa (da melhor prosa portuguesa deste tempo), têm em geral este carácter. São lógicos, são bem deduzidos — sem serem suficientemente pensados. São frutos da imaginação; são conversas escritas, dessas conversas que durante horas seduzem os que o ouvem — porque é um charmeur.

Ele próprio se embriaga, não com as suas palavras, mas sim com aquela teoria passageira que inventou had hoc, e, quando alguém lhe objecta um pequeno senão, todavia essencial ao seu edifício lógico, resiste, defende-se, irrita-se às vezes, mas por fim é ele o próprio que, com um dito, desfaz toda a construção. Seria um orador, um jornalista de primeira ordem, se não tomasse apenas a sério a sua missão de poeta, ou antes de filósofo.

Depois de tudo isto dirão pessoas pouco dadas ao estudo do animal homem que Antero de Quental é um assombro. Longe disso. A sua força é a prodigalidade com que a natureza dotou o seu espírito; mas essa força é uma fraqueza. Tem demasiada imaginação para ver bem, e por outro lado o raciocínio crítico peia-lhe os voos luminosos da fantasia. Vê de mais para poder ser activo, ou não tem a energia correspondente à sua visão. Se a tivesse, seria verdadeiramente um assombro. A imaginação e a razão, irreduzíveis nos cérebros humanos com as circunvoluções limitadas que contêm, são igualmente poderosas no seu cérebro para que

qualquer delas domine. Lutam em permanência, procurando entender-se, combinar-se, penetrar-se, e, no desejo quimérico da síntese, desequilibram o homem, atrofiando-lhe a energia activa. Ainda assim, felizes daqueles cuja inércia desse um livro comparável a este!

Mas é que as suas páginas foram escritas com sangue e lágrimas! E dói ver a vida do mais belo espírito consumir-se em agonias de uma alma em luta consigo mesmo! O comum da gente, ao ler as páginas deste volume, dirá então: Quantas catástrofes, que desgraças, este homem sofreu! Que singular hostilidade do Mundo para uma criação humana! — E todavia o Mundo nunca lhe foi propriamente hostil, nenhuma desgraça o acabou; a sua vida tem corrido serena, plácida, e até, para o geral da gente, em condições de felicidade.

É que o geral da gente não sabe que as tempestades da imaginação são as mais duras de passar! Não há dores tão agudas como as dores imaginárias. Não há problemas mais difíceis do que os problemas do pensamento, nem crises mais dolorosas do que as crises do sentimento. As agonias dilacerantes da morte com as ânsias do estertor, os horrores mais inverosímeis dos crimes monstruosos, as aflições mais pungentes da saudade, as tristezas mais dolorosas da solidão, as lutas do dever com a paixão, os gritos do homem arruinado, os ais da orfandade faminta... tudo, tudo quanto no Mundo pode haver de doloroso, desde a miséria até à prostituição, desde o andrajo até ao veludo arrastado pela imundície, desde o cardo que dilacera os pés até ao punhal que rasga o coração: tudo isto é menos do que a agonia de um poeta vendo passar diante de si, em turbilhão medonho, as lúgubres misérias do Mundo. Todas as aflições têm o seu quê de imaginativas, e por isso há apenas uma espécie de homens que não sentem: são os cínicos, esses

que perderam os nervos da moralidade, anestesiados do sentimento.

Quando se é poeta como Antero de Quental, a imaginação exacerbada vibra como as harpas que os gregos expunham às virações da brisa nos ramos das árvores. Nenhum dedo lhes feria as cordas, e todavia tocavam! Nenhuma dessas desgraças do Mundo feriu a harpa da vida do poeta; e todavia essa harpa geme e chora; soluça e grita, porque pelas suas cordas passa o vento agreste das ideias, passa o eco ululante do egoísmo dos homens, aflitivo como os uivos de uma alcateia de lobos famintos.

II

Esta colecção de Sonetos é, portanto, ao mesmo tempo biográfica e cíclica. Conta-nos as tempestades de um espírito; mas essas tempestades não são os quaisquer episódios particulares de uma vida de homem: são a refracção das agonias morais do nosso tempo, vividas, porém, na imaginação de um poeta.

O primeiro período, de 1860-62, contém em embrião todos os sucessivos, da mesma forma que as flores incluem em si a substância dos frutos. Denuncia uma alma sensível, mas patenteia já a preocupação metafísica na sua fase rudimentar de dúvida teológica, e apresenta uns assomos de tristeza que são como os farrapos de nuvens quando velam intermitentemente o Sol, deixando antever a tempestade para o dia seguinte. Estes primeiros sonetos são o balbuciar de uma criança. Romântica? De modo nenhum. Este poeta não se filia em escolas, não obedece a correntes literárias: a sua poesia é exclusivamente pessoal. Sucedia, porém, que nesse tempo já os nossos bardos classicamente românticos tinham

passado de moda; e a Coimbra chegavam, por via de Paris, os ecos do espírito novo, expresso nas obras de Michelet, de Quinet, de Vera-Hegel, etc.

Tudo isso fermentava no cérebro de Antero de Quental, mas a sua personalidade não se deixava absorver pelo optimismo que, depois dos românticos, se espalhou na Europa, liricamente ingénuo no Ocidente afrancesado, sistematicamente filosófico na Alemanha hegeliana. Schopenhauer, ninguém o lia. Não era moda. Pois foi essa corrente, dominante hoje, aquela em que o nosso poeta, espontaneamente, por um movimento do seu temperamento se achou levado. Aos dezoito ou vinte anos, ignorante ainda, mas inquieto e perscrutador, o poeta, que desdenha sinceramente da fama e da glória, vê no eterno feminino de que nos fala Gæthe a síntese da existência. Os seus amores já são fantásticos: só têm realidade no Céu.

Ali, ó lírio dos celestes vales,
Tendo seu fim, terão o seu começo,
Para não mais findar, nossos amores.

E se ainda o dia, a luz, o Sol, esposo amado, têm o condão de o encher de entusiasmo, é mister desconfiar de um homem mais caprichoso do que todas as mulheres, porque

Pedindo à forma, em vão, a ideia pura.
Tropeço, em sombras, na matéria dura
E encontro a imperfeição de quanto existe.

Esta nota é mais constitucionalmente verdadeira. «Seja a Terra degredo, o Céu destino», diz num ponto; e noutro:

Minha alma, ó Deus, a outros céus aspira:
Se um momento a prendeu mortal beleza
É pela eterna pátria que suspira...

Não acreditemos também demasiadamente nisto, porque Deus não passa ainda de uma interrogação:

Pura essência das lágrimas que choro
E sonho dos meus sonhos! Se és verdade,
Descobre-te, visão, no Céu ao menos!

As lutas infantis deste primeiro período para saber se Deus é ou não é verdade bastam, em si mesmo e no próprio modo por que estão expressas, para nos mostrar que o poeta não saiu ainda das esferas de representação elementar dos seres para a esfera compreensiva das abstrações racionais. Os sonetos desta primeira série desenrolam-se no terreno da fantasmagoria transcendente. O traço mais seguro de todos e o mais significativo está neste verso:

Que sempre o mal pior é ter nascido.

A segunda série tem a data de 1862-66. Psicologicamente é a menos original, artisticamente é a mais brilhante. O Sonho Oriental, o Idílio, o Palácio da Ventura, são obras-primas, até de colorido. Talvez por isso mesmo que o estado de espírito do poeta o não obrigava a tirar tanto de si, e porque nesta época viveu mais à lei da natureza; talvez por isso mesmo a sentiu e pintou melhor nas suas cores, nas suas imagens.

A nebulose do primeiro período começava a resolver-se numa tragédia mental, que umas vezes tem os sonhos dos

que mastigam haxixe, outras vezes fúrias de desespero, ironias como punhais e gritos lancinantes:

Se nada há que me aqueça esta frieza,
Se estou cheio de fel e de tristeza,
É de crer que só eu seja o culpado. .

Meu pobre amigo, como foi amarga esta época! Outros sofreram também, outros penaram iguais dores, sem conseguirem porém estrangular os monstros que defendem os áditos do templo da Sabedoria. Heine e Espronceda, Nerval e Baudelaire viveram vidas inteiras nesse estado de ironia e de sarcasmo, de desespero e de raiva, de orgia e de abatimento, de fúria e de atonia, que para ti representam quatro anos apenas!

Mas é que não havia em nenhum desses homens a semente de abstracção que se descobre no Palácio da Ventura:

Abrem-se as portas de ouro, com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silêncio e escuridão — e nada mais!

Os românticos, mais ou menos satanistas ou satanizados, ficavam-se por aqui. Achando apenas silêncio e escuridão onde tinham sonhado venturas, ou davam em bêbedos, como Espronceda, ou suicidavam-se, como Nerval, ou faziam-se cínicos, à maneira de Baudelaire, cultivando com amor as Flores do Mal.

De 1864 a 74, nesses dez anos em que a tempestade caminha, vê-se o «silêncio e a escuridão», que antes surgiam como surpresas medonhas, ganharem um lugar apropriado, embora eminente, no regime das coisas; vê-se o es-

pírito do filósofo reagir sobre o temperamento do poeta, e tornar-se sistema o que até aí era fúria. Bom prenúncio.

Nesta época Antero de Quental é niilista como filósofo, anarquista como político; é tudo o que for negativo, é tudo o que for excessivo; e é-o de um modo tão terminante, tão dogmático e tão afirmativo, que por isso mesmo hesitamos em crer na consciência com que o é. Da sinceridade não é lícito duvidar, mas contra a segurança depõe a própria violência. A neurose contemporânea, que produzira nele a terceira época, dá de si ainda a quarta; mas se pôde galgar a saltos por entre a floresta incendiada que devorou e consumiu os satânicos, não poderá também sair da estepe lúgubre onde apodrecem os pessimistas, embriagados na negação universal, sem se lembrarem de que são contraditórios no próprio facto de pregarem o que quer que seja?

Ora a isto responde esta própria série, porque, ao lado dos sonetos crepuscularmente desolados, levantam-se como auroras os sonetos estóicos. Para curar o poeta da vertigem satânica serviu-lhe a metafísica pessimista; para o curar mais tarde dessa metafísica, servir-lhe-á a reacção do sentimento moral sobre a razão especulativa. Quando pede Mais Luz, quando chama ao Sol «o claro sol amigo dos heróis», quando define a Ideia acabando por estes versos diamantinos:

A Ideia, o Sumo bem, o Verbo, a Essência,
Só se revela aos homens e às nações
No céu incorruptível da Consciência!

sentimo-nos bem distantes das fantasmagorias do princípio e das loucuras da viagem, que todavia o poeta não terminou ainda.

Lutando furioso contra a desilusão, caindo esmagado

pelo aniquilamento, Antero de Quental ensimismou-se (para usar de uma feliz expressão espanhola), meteu-se dentro de si, a sós consigo, apelou para as energias do seu instinto de homem, e foi isso que lhe inspirou o belo Hino à Razão.

Porém, na luta entre o temperamento de estóico e a imaginação metafísica, o seu espírito atribulado não conseguiu manter o equilíbrio, porque as suas exigências de crítico e filósofo (alimentadas agora por leituras variadíssimas e profundas) contrariavam ou contradiziam as suas visões de poeta. À maneira que a inteligência se lhe cultivava, que o saber lhe crescia, que a experiência o educava com mais de um caso doloroso ou apenas triste — apurava-se-lhe a imaginação até ao ponto de ver claramente o que para o comum dos espíritos são apenas concepções do entendimento abstracto. A sua poesia despe-se então de acessórios: não há quase uma imagem; há apenas linhas, mas essas linhas de estátuas incorpóreas têm uma nitidez dantesca.

O seu pessimismo torna-se sistemático: é uma filosofia inteira, a que corresponde, como expressão sentimental, a ironia transcendente. Na Disputa em Família, Deus responde aos ateus:

Muito antes de nascerem vossos pais
Dum barro vil, ridículas crianças,
Sabia eu tudo isso... e muito mais!

No Inconsciente, este herói metafísico diz assim:

Chamam-me Deus há mais de dez mil anos...
Mas eu por mim não sei como me chamo.

N'A Divina Comédia, os homens queixam-se aos deuses do que sofrem, invectivando-os por os terem criado:

Mas os deuses, com voz ainda mais triste,
Dizem: — Homens! porque é que nos criastes?

Como se vê, houve um progresso. No período anterior a negação era violenta e terminante; agora tem como expressão a ironia, que é uma das formas conhecidas do saber e uma das linguagens da verdade. Eis aí o que a reacção moral conseguiu, acompanhada pelo esclarecimento da razão, da inteligência e do conhecimento. O antigo poeta satânico, transformado em um niilista, vemo-lo agora na pele de um pessimista sistemático, sorrindo já bondosamente, com a ironia nesses próprios lábios, que, primeiro cobertos de espuma, depois nos apareciam brancos de agonias.

Não tinha eu razão para chamar cíclica a esta colecção de sonetos? Não tem sido este o movimento das ideias, a evolução do pensamento criador na segunda metade do nosso século?

Quando escreveu o primeiro soneto da quarta série (1880-84)

Já sossega, depois de tanta luta,
Já me descansa em paz o coração...

Antero de Quental resolveu destruir todas as suas poesias lúgubres. Sentia remorsos por alguma vez ter estado numa disposição de ânimo que agora considerava com horror. Entendia que esses versos tétricos não podiam consolar ninguém e fariam mal a muita gente. Destruiu-os, pois, com aquela violência própria de um carácter intermitentemente meigo e frenético como o de uma mulher. Desse naufrágio, onde se per-

deram verdadeiras obras-primas, salvei eu as poesias que vão no fim deste ensaio; e salvei-as porque as possuía entre os originais remetidos em cartas, e mais de uma vez como texto de notícias do estado do seu espírito, ou cartas rimadas.

Que espécie de paz era porém essa em que o seu coração descansava? Era o Nirvana:

E quando o pensamento, assim absorto,
Emerge a custo desse mundo morto
E torna a olhar coisas naturais,

À bela luz da vida, ampla, infinita,
Só vê com tédio em tudo que quanto fita
A ilusão e o vazio universais.

O Nirvana é o céu do budismo, a religião mais filosófica e menos fantasmagórica inventada pelos homens. É por este motivo que o budismo atrai hoje em dia todos os espíritos a um tempo racionalistas e místicos, desta época em tudo semelhante à alexandrina, menos no volume do saber positivo, que já se não compadece com muitas das teorias sobre que os neoplatónicos especulavam. A teoria da Substância levou-os a eles a uma concepção do Ser que produziu o mito do Verbo cristão, encarnado popularmente em Jesus Cristo. Ora hoje tudo isso vale apenas como documento histórico, e, por paradoxal que isso pareça, o Não-Ser é, segundo a metafísica contemporânea, a essência de tudo o que existe. O Absoluto é o Nada. O Universo, a realidade inteira, são modalidades, aspectos fugitivos, que só se tornam verdades racionais quando nos aparecem despidas de todos os acidentes. E como é pelos acidentes apenas que nós, distinguindo-as, as conhecemos, a realidade verdadeiramente e em si é nada.

Religiosamente, Nada é igual a Nirvana; e o budismo é

a única religião que atingiu esta conclusão sumária do pensamento científico moderno. O Nirvana é esse estado em que os seres, despindo-se de todas as suas modalidades e acidentales, de todas as condições de realidade, condições que os limitam distinguindo-os entre si, adquirem a não-realidade (o não contingente) e com ela a existência absoluta e a absoluta liberdade. Essa liberdade é o tipo e a essência da vida espiritual; e o Nirvana, puro Não-Ser para a inteligência, é, para o sentimento moral, o símbolo e o veículo de toda a perfeição e virtude: radicalmente negativo na esfera da razão, é, na esfera do sentimento absolutamente afirmativo. O pessimismo torna-se desta forma um optimismo gigantesco; toda a inércia é condenada, e o sistema das coisas, agitando-se, movendo-se na direcção do aniquilamento final, move-se e agita-se no sentido de uma liberdade evolutivamente progressiva, até atingir a plenitude. O Universo é uma grande vida que tem, no termo, o termo de todas as vidas — a morte, idealizada agora e tornada luminosa e apetecível por essa idealização.

Leiam-se os dois sonetos Redenção, talvez os mais belos de todo o livro, e compreender-se-á melhor o que fica dito. Leia-se o Elogio da Morte,

Dormirei no teu seio inalterável,
Na comunhão da paz universal,
Morte libertadora e inviolável!

e ver-se-á quanto estamos longe do desespero trágico de outros anos. A tempestade acalmou,

Na esfera do invisível, do intangível,
Sobre desertos, vácuo, soledade,
Voa e paira o espírito impassível,

presidindo à evolução dos seres (v. o soneto Evolução), desde a rocha até ao homem, evolução que seria absolutamente inexpressiva se não tivesse um destino, um fim, um ideal. A teoria do progresso indefinido é, com efeito, racionalmente absurda. Esse destino, para os neobudistas, é o Nada transcendente; esse ideal é a Liberdade. A existência está, pois, consagrada racionalmente: falta consagrá-la sentimentalmente. Falta ainda ao sistema um medianeiro: é o Amor.

Porém o coração, feito valente
Na escola da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,

Respondeu: Desta altura vejo o amor!
Viver não foi em vão, se é isto a vida,
Nem foi demais o desengano e a dor.

O Universo está pois construído e santificado na mente do poeta e na razão do filósofo. Dir-se-á portanto que a quimera, de que a princípio falámos, ficou desvendada, o problema resolvido, conciliada a visão com a razão, e que nos não resta mais do que fazermo-nos todos budistas? Suprema ilusão! Creia-o embora o poeta; eu, como crítico, observando que o pensamento humano, desde que existe e trabalha, progride sempre, com efeito, mas progride em três estradas paralelas que, por serem paralelas, nunca podem encontrar-se, atrevo-me a afirmar a irredutibilidade do misticismo, racional ou imaginativamente concebido, e do naturalismo, ponderada ou orgiacamente realizado. Atrevo-me a dizer que estes dois feitios ou temperamentos são constitucionais do espírito humano, e que da coexistência necessária deles resulta um terceiro — o céptico, o crítico, o

que provém da comparação de ambos, e por isso não tem cor, nem é afirmativo; dando-se melhor com a natureza do que com a fantasmagoria, preferindo a harmonia mais ou menos equilibrada, ou mais ou menos claudicante do helenismo, à orgia desenfreada dos orientais; considerando a existência como um compromisso, o dever como uma condição da vida, mas também a fraqueza como uma condição dos homens. Estes três temperamentos são correspondentes a tipos eternos e irredutíveis da consciência humana; e, se o budismo é a melhor religião para um místico do século XIX, saturado de ciência e derreado de cogitações, o cristianismo, como directo herdeiro do helenismo, há-de eternamente satisfazer melhor os cépticos e os naturalistas, cujo número é e foi sempre infinitamente maior, entre os europeus.

«Um helenismo coroado por um budismo», eis a fórmula com que mais de uma vez Antero de Quental me tem exprimido o seu pensamento — a sua quimera! Quimera, digo, porque a coroa não nos pode assentar na cabeça, sob pena de a crivar de espinhos e de a deixar escorrendo sangue. Fundar o princípio da acção na inércia sistemática, a realidade no Não-Ser, a vida no aniquilamento, só é praticamente aceitável para o comum dos homens quando acreditem na metempsicose, dogma tão infantilmente mítico do budismo como, v. g., o inferno do cristianismo. Ao cristianismo, porém, tirando-se-lhe tudo quanto a imaginação semita deu para a sua formação, fica ainda o helenismo, isto é, um idealismo mais ou menos panteísta e uma teoria moral — coisas que eu não afirmo que resistam a uma análise rigorosamente lógica, por isso mesmo que todo o nosso conhecimento racional das coisas assenta apenas sobre axiomas do senso comum — ao passo que, em se tirando a metempsicose ao budismo, o budismo reduz-se a uma névoa de abstracções.

Pobre humanidade, se se visse condenada à coroação bu-

dista! Nós, europeus, incapazes de nos sujeitarmos ao regime de contemplação inerte, sofreríamos as agonias, experimentaríamos as aflições do poeta, que, tendo no peito um coração activo, tem na cabeça uma imaginação mística, e, para obedecer ao pensamento, tortura o coração, sem poder também esmagá-lo sob o mando da intelligência.

Deste cruel estado vêm os documentos que atestam a transformação sofrida pela ironia dos períodos anteriores. Que nome se há-de dar ao sentimento que inspira os sonetos À Virgem Santíssima e o Na Mão de Deus, que fecha o volume? Eu, por mim, chamarei humorismo transcendente a essa liga íntima da piedade e da ironia, e declaro que nunca vi coisa parecida posta em verso. Em prosa, há mais de um período de Renan inspirado por um espírito semelhante, embora menos agudo.

Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa,
E deixa-me sonhar a vida inteira!

A visão é a Virgem Santíssima, e a poesia é tão sincera, tão verdadeira, tão cheia de piedade e unção, que eu sei de mais de um livro de rezas onde andam cópias escritas.

Dorme o teu sono, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

Um monge cristão escreveria isto. E Antero de Quental nem é cristão, nem crê em Deus, nem na Virgem, segundo o sentido ordinário da palavra crer.

Blasfemar era bom noutros tempos; para a ironia também a idade passou; finalmente para o exercício literário

nunca se inclinou a pena que o poeta molhou sempre no seu sangue. Como explicar, pois, o fenómeno?

Por acaso subiu já o leitor ao cume de um monte suficientemente alto para que toda a paisagem lhe apparecesse à vista, fundida ao ponto de não distinguir uma árvore de um casal, nem um rio de um vale sem curso de água? Pois succede assim nas campinas da história do pensamento humano, quando as olhamos das cumeadas luminosas da crítica. Vêem-se as coisas na sua essência, não importam os accidentes. O fetiche que o selvagem adora, a imagem perante a qual se prostra o comum dos crentes, o architecto universal dos pensadores livres, e finalmente esse quid inominado a que a philosophia moderna chamou Inconsciente — tudo isso é igualmente Deus: somente é Deus percebido pela intelligência vulgar, Deus percebido pelo saber incipiente, e Deus finalmente incompreendido, mas sentido, pela sabedoria. E todas essas modalidades de uma mesma impressão, recebida e representada de forma diversa, consoante a natureza e o estado de educação dos homens, são igualmente verdadeiras, igualmente santas e igualmente humorísticas, para aquele que tem coração para sentir as coisas por dentro e olhos para as ver de fora — objectivamente, como os alemães dizem, e nós diremos criticamente.

Eis aí a suprema liberdade do espirito, o Nirvana apenas intellectual, a que eu prefiro chamar impassibilidade subjectiva: um estado que permite comprehender todas as coisas, analysando-as e classificando-as, sem todavia nos transmitir essa espécie de frialdade de coração, própria dos naturalistas quando estudam uma rocha, uma planta ou um animal. O filósofo, impassível ao analisar e classificar os phenomenos do espirito humano, há-de misturar ao sorriso que provocam todas as vaidades e illusões o amor que merecem todos os sentimentos ingénuos e fundamentalmente bons;

há-de aliar à compreensão da nulidade extrínseca das coisas a compreensão da sua excelência intrínseca; exigindo que o homem seja activo, porque a actividade é boa por ser indispensável à saúde do espírito, embora os objectos da actividade sejam as mais das vezes írritos e nulos, quando considerados em si próprios e isoladamente.

E eis aí as razões por que não sou budista... nem Antero de Quental o é, embora julgue sê-lo. A evolução dolorosa que terminou com o seu último soneto, esta longa e tempestuosa viagem através do mar tenebroso da fantasia metafísica, parece ter concluído. A idade, talvez, acima de tudo, trouxe ao espírito de poeta uma paz iluminada de bondade e sabedoria: e como a sua alma é sã e a sua inteligência firme e sempre activa, é mais que provável que o declinar da vida de Antero de Quental enriqueça o pecúlio, por sinal bem pobre, da filosofia portuguesa com algum trabalho tão digno de se conservar na memória dos tempos como estes Sonetos, que são as amargas flores de uma mocidade. Esse trabalho, porém, não será um catecismo budista, não pode ser nenhuma revelação milagrosa do verdadeiro sistema, porque a sabedoria nos diz que toda a pretensão da Verdade é illusória, pois sendo nós, a nossa inteligência, os nossos pensamentos, simples e fugitivas contingências, é loucura pensar que jamais possamos definir o Absoluto. Cada qual sente-o a seu modo, segundo o seu temperamento; e sábio é aquele que se limita a registar as relações das coisas.

III

Quem diante destes versos não sentir elevar-se-lhe o espírito, como numa oração, àquela espécie de Deus que é

compatível com o seu temperamento ou com o estado de educação do seu pensamento, é porque tem dentro do peito, no lugar do coração, um seixo polido e frio. Quem, no meio do lidar da vida, roçando os braços pelas arestas cortantes que a eriçam de ângulos, pousar o olhar da alma sobre um destes sonetos e não sentir o que os sequiosos sentem ao encontrarem um arroio de água límpida, é porque tem a alma feita apenas de egoísmo. Quem, emergindo dos montões de papelada que as imprensas vomitam diariamente, deitar os olhos sobre estas páginas e não sentir o deslumbramento que os diamantes produzem, é porque a sua vista se embaciou com o exame dos livros grosseiros em todo o sentido, e a sua língua perdeu o hábito de falar português.

Um dos nossos queridos amigos, um dos que conhecem de perto Antero de Quental — e somente o conhece quem com ele viveu largo tempo na intimidade —, interroga-me geralmente deste modo: «E santo Antero, como vai?»

Di-lo com a convicção quente dos artistas, mas eu, que o não sou, tenho a pôr embargos, porque a santidade não é planta adequada ao clima do nosso tempo. Exige uma porção de sentimento ingénuo que já não há nos ares que respiramos.

A vida contemplativa, porém, a vida asceta inclusivamente: essa virtude austera para consigo, tolerante para com tudo e para com todos; esse observar constante de si próprio e o dispensar de um sorriso sempre bom, embora indiferente com frequência, aos que alguma vez o rodeiam; a caridade, o amor, a abnegação, as tentações, as crises, as lágrimas, as aflições, as dúvidas cruciantes e as dores angustiosas: tudo o que, reunido, forma uma mística — tudo isso mora na alma deste poeta arrebatada pela visão inextinguível do Bem.

Só no meu coração, que sondo e meço,
Não sei que voz, que eu mesmo desconheço,
Em segredo protesta e afirma o Bem.

E para nada faltar a este místico, anacronicamente perdido no meio do burburinho de um século activo até à demência, tem também uma fé ardente — uma fé budista. Somente o seu Deus, Deus sem vontade, sem inteligência e sem consciência, é para nós outros, a quem são vedados os mistérios da metafísica budista, igual a coisa nenhuma.

Este homem, fundamentalmente bom, se tivesse vivido no século VI ou no século XIII, seria um dos companheiros de S. Bento ou de S. Francisco de Assis. No século XIX é um excêntrico, mas desse feitio de excentricidade que é indispensável, porque a todos os tempos foram indispensáveis os hereges, a que hoje se chama dissidentes.

OLIVEIRA MARTINS

SONETOS

QUINZE ANOS

Eu amo a vasta sombra das montanhas,
Que estendem sobre os largos continentes
Os seus braços de rocha negra, ingentes,
Bem como braços colossais de aranhas.

Dali o nosso olhar vê tão estranhas
Coisas por esse Céu! e tão ardentes
Visões, lá nesse mar de ondas trementes!
E às estrelas, dali, vê-as tamanhas!

Amo a grandeza misteriosa e vasta...
A grande ideia, como a flor e o viço
Da árvore colossal que nos domina...

Mas tu, criança, sê tu boa... e basta:
Sabe amar e sorrir... é pouco isso?
Mas a ti só te quero pequenina!

PEQUENINA

Eu bem sei que te chamam *pequenina*
E ténue como o véu solto na dança,
Que és no juízo apenas a *criança*,
Pouco mais, nos vestidos, que a *menina*...

Que és o regato de água mansa e fina,
A folhinha do til que se balança,
O peito que em correndo logo cansa,
A fronte que ao sofrer logo se inclina...

Mas, filha, lá nos montes onde andei,
Tanto me enchi de angústia e de receio
Ouvindo do infinito os fundos ecos,

Que não quero imperar nem já ser rei
Senão tendo meus reinos em teu seio
E súbditos, criança, em teus bonecos!

A M. C.

Não busco nesta vida glória ou fama:
Das turbas que me importa o vão ruído?
Hoje, Deus... e amanhã, já esquecido,
Como esquece o clarão de extinta chama!

Foco incerto, que a luz já mal derrama,
Tal é essa ventura: eco perdido,
Quanto mais se chamou, mais escondido
Ficou inerte e mudo à voz que o chama.

Dessa coroa é cada flor um engano,
É miragem em nuvem ilusória,
É mote vão de fabuloso arcano.

Mas coroa-me tu; na fronte inglória
Cinge-me tu o louro soberano...
Verás, verás então se amo essa glória!

A M. C.

Pôs-te Deus sobre a fronte a mão piedosa:
O que fada o poeta e o soldado
Volveu a ti o olhar, de amor velado,
E disse-te: «vai, filha, sê formosa!»

E tu, descendo na onda harmoniosa,
Pousaste neste solo angustiado,
Estrela envolta num clarão sagrado,
Do teu límpido olhar na luz radiosa...

Mas eu... posso eu acaso merecer-te?
Deu-te o Senhor, mulher! o que é vedado,
Anjo! deu-te o Senhor um mundo à parte.

E a mim, a quem deu olhos para ver-te,
Sem poder mais... a mim o que me há dado?
Voz que te cante e uma alma para amar-te!

A M. C.

Porque descrês, mulher, do amor, da vida?
Porque esse Hermon transformas em Calvário?
Porque deixas que, aos poucos, do sudário
Te aperte o seio a dobra humedecida?

Que visão te fugiu, que assim perdida
Buscas em vão neste ermo solitário?
Que signo obscuro de cruel fadário
Te faz trazer a fronte ao chão pendida?

Nenhum! intacto o bem em si assiste:
Deus, em penhor, te deu a formosura:
Bênçãos te manda o Céu em cada hora.

E descrês do viver?... E eu, pobre e triste,
Que só no teu olhar leio a ventura,
Se tu descrês, em que hei-de eu crer agora?

A M. C.

No Céu, se existe um céu para quem chora,
Céu para as mágoas de quem sofre tanto...
Se é lá do amor o foco, puro e santo,
Chama que brilha, mas que não devora...

No Céu, se uma alma nesse espaço mora,
Que a prece escuta e enxuga o nosso pranto...
Se há pai, que estenda sobre nós o manto
Do amor piedoso... que eu não sinto agora...

No Céu, ó virgem! findarão meus males:
Hei-de lá renascer, eu que pareço
Aqui ter só nascido para dores.

Ali, ó lírio dos celestes vales!
'Tendo seu fim, terão o seu começo,
Para não mais findar, nossos amores.

DESESPERANÇA

Vai-te na asa negra da desgraça,
Pensamento de amor, sombra duma hora,
Que abracei com delírio, vai-te embora,
Como nuvem que o vento impele... e passa
Que arrojemos de nós quem mais se abraça,
Com mais ânsia, à nossa alma! e quem devora
Dessa alma o sangue, com que mais vigora,
Como amigo comungue à mesma taça!
Que seja sonho apenas a esperança,
Enquanto a dor eternamente assiste,
E só engane nunca a desventura!
Se em silêncio sofrer fora vingança!...
Envolve-te em ti mesma, ó alma triste,
Talvez sem esperança haja ventura!

SONHO ORIENTAL

Sonho-me às vezes rei, nalguma ilha,
Muito longe, nos mares do Oriente,
Onde a noite é balsâmica e fulgente
E a lua cheia sobre as águas brilha...

O aroma da magnólia e da baunilha
Paira no ar diáfano e dormente...
Lambe a orla dos bosques, vagamente,
O mar com finas ondas de escumilha...

E enquanto eu na varanda de marfim
Me encosto, absorto num cismar sem fim,
Tu, meu amor, divagas ao luar,

Do profundo jardim pelas clareiras,
Ou descansas debaixo das palmeiras,
Tendo aos pés um leão familiar.

A SULAMITA

Ego dormio, et cor meum vigilat.

Cântico dos Cânticos

Quem anda lá por fora, pela vinha,
Na sombra do luar meio encoberto,
Subtil nos passos e espreitando incerto,
Com brando respirar de criancinha?

Um sonho me acordou... não sei que tinha...
Pareceu-me senti-lo aqui tão perto...
Seja alta noite, seja num deserto,
Quem ama até em sonhos adivinha...

Moças da minha terra, ao meu amado
Correi, dizei-lhe que eu dormia agora,
Mas que pode ir contente e descansado,

Pois se tão cedo adormeci, conforme
É meu costume, olhai, dormia embora,
Porque o meu coração é que não dorme...

AMOR VIVO

Amar! mas dum amor que tenha vida...
Não sejam sempre tímidos arpejos,
Não sejam só delírios e desejos
Duma doida cabeça escandecida...

Amor que viva e brilhe! luz fundida
Que penetre o meu ser — e não só beijos
Dados no ar — delírios e desejos —
Mas amor... dos amores que têm vida...

Sim, vivo e quente! e já a luz do dia
Não virá dissipá-lo nos meus braços
Como névoa da vaga fantasia...

Nem murchará do Sol à chama erguida...
Pois que podem os astros dos espaços
Contra uns débeis amores... se têm vida?

ACORDANDO

Em sonho, às vezes, se o sonhar quebranta
Este meu vão sofrer, esta agonia,
Como sobe cantando a cotovia,
Para o Céu a minha alma sobe e canta.

Canta a luz, a alvorada, a estrela santa,
Que ao Mundo traz piedosa mais um dia...
Canta o enlevo das coisas, a alegria
Que as penetra de amor e as alevanta...

Mas, de repente, um vento húmido e frio
Sopra sobre o meu sonho: um calafrio
Me acorda. — A noite é negra e muda: a dor

Cá vela, como dantes, ao meu lado...
Os meus cantos de luz, anjo adorador,
São sonho só, e sonho o meu amor!

IDEAL

Aquela que eu adoro não é feita
De lírios nem de rosas purpurinas,
Não tem as formas lânguidas, divinas,
Da antiga Vénus de cintura estreita...

Não é a Circe, cuja mão suspeita
Compõe filtros mortais entre ruínas,
Nem a Amazona, que se agarra às crinas
Dum corcel e combate satisfeita...

A mim mesmo pergunto, e não atino
Com o nome que dê a essa visão,
Que ora amostra ora esconde o meu destino...

É como uma miragem que entrevejo,
Ideal, que nasceu na solidão,
Nuvem, sonho impalpável do Desejo...

ABNEGAÇÃO

Chovam lírios e rosas no teu colo!
Chovam hinos de glória na tua alma!
Hinos de glória e adoração e calma,
Meu amor, minha pomba e meu consolo!

Dê-te estrelas o Céu, flores o solo,
Cantos e aroma o ar e sombra a palma,
E quando surge a Lua e o mar se acalma,
Sonhos sem fim seu preguiçoso rolo!

E nem sequer te lembres de que eu choro...
Esquece até, esquece, que te adoro...
E ao passares por mim, sem que me olhes,

Possam das minhas lágrimas cruéis
Nascer sob os teus pés flores fiéis,
Que pises distraída ou rindo esfolhes!

VISITA

Adornou o meu quarto a flor do cardo,
Perfumei-o de almíscar rescendente;
Vesti-me com a púrpura fulgente,
Ensaando meus cantos, como um bardo:

Ungi as mãos e a face com o nardo
Crescido nos jardins do Oriente,
A receber com pompa, dignamente,
Misteriosa visita a quem aguardo.

Mas que filha de reis, que anjo ou que fada
Era essa que assim a mim descia,
Do meu casebre à húmida pousada?...

Nem princesas, nem fadas. Era, flor,
Era a tua lembrança que batia
Às portas de ouro e luz do meu amor!

APARIÇÃO

Um dia, meu amor, (e talvez cedo,
Que já sinto estalar-me o coração!)
Recordarás com dor e compaixão
As ternas juras que te fiz a medo...

Então, da casta alcova no segredo,
Da lamparina no trémulo clarão,
Ante ti surgirei, espectro vão,
Larva fugida ao sepulcral degredo...

E tu, meu anjo, ao ver-me, entre gemidos
E aflitos ais, estenderás os braços
Tentando segurar-te aos meus vestidos...

— «Ouve! espera!» — Mas eu, sem te escutar,
Fugirei, como um sonho, aos teus abraços
E como fumo sumir-me-ei no ar!

JURA

Pelas rugas da fronte que medita...
Pelo olhar que interroga — e não vê nada...
Pela miséria e pela mão gelada
Que apaga a estrela que nossa alma fita...

Pelo estertor da chama que crepita
No último arranco duma luz minguada...
Pelo grito feroz da abandonada
Que um momento de amante fez maldita...

Por quanto há de fatal, por quanto há misto
De sombra e de pavor sob uma lousa...
Ó pomba meiga, pomba da esperança!

Eu to juro, menina, tenho visto
Coisas terríveis — mas jamais vi coisa
Mais feroz do que um riso de criança!

A UMA AMIGA

Aqueles, que eu amei, não sei que vento
Os dispersou no Mundo, que os não vejo...
Estendo os braços e nas trevas beijo
Visões que à noite evoca o sentimento...

Outros me causam mais cruel tormento
Que a saudade dos mortos... que eu invejo...
Passam por mim, mas como que têm pejo
Da minha soledade e abatimento!

Daquela primavera venturosa
Não resta uma flor só, uma só rosa...
Tudo o vento varreu, queimou o gelo!

Tu só foste fiel — tu, como dantes,
Inda volves teus olhos radiantes...
Para ver o meu mal... e escarnecê-lo!

SONHO

Sonhei — nem sempre o sonho é coisa vã —
Que um vento me levava arrebatado,
Através desse espaço constelado
Onde uma aurora eterna ri louçã...

As estrelas, que guardam a manhã,
Ao verem-me passar triste e calado,
Olhavam-me e diziam com cuidado:
Onde está, pobre amigo, a nossa irmã?

Mas eu baixava os olhos, receoso
Que traíssem as grandes mágoas minhas,
E passava furtivo e silencioso,

Nem ousava contar-lhes, às estrelas,
Contar às tuas puras irmãzinhas,
Quanto és falsa, meu bem, e indigna delas!

NA CAPELA

Na capela, perdida entre a folhagem,
O Cristo lá no fundo agonizava...
Oh! como intimamente se casava
Com minha dor a dor daquela imagem!

Filhos ambos do amor, igual miragem
Nos roçou pela fronte, que escaldava...
Igual traição, que o affecto mascarava,
Nos deu suplicio às mãos da vilanagem...

E agora, ali, enquanto da floresta
A sombra se infiltrava lenta e mesta,
Vencidos ambos, mártires do Fado,

Fitávamo-nos mudos — dor igual! —
Nem, dos dois, saberei dizer-vos qual
Mais pálido, mais triste e mais cansado...

IDÍLIO

Quando nós vamos ambos, de mãos dadas,
Colher nos vales lírios e boninas,
E galgamos dum fôlego as colinas
Dos rocios da noite inda orvalhadas;

Ou, vendo o mar, das ermas cumeadas,
Contemplamos as nuvens vespertinas,
Que parecem fantásticas ruínas,
Ao longe, no horizonte, amontoadas:

Quantas vezes, de súbito, emudeces!
Não sei que luz no teu olhar flutua;
Sinto-me tremer-te a mão, e empalideces...

O vento e o mar murmuram orações,
E a poesia das coisas se insinua
Lenta e amorosa em nossos corações.

BEATRICE

Depois que dia a dia, aos poucos desmaiando,
Se foi a nuvem de ouro ideal que eu vira erguida;
Depois que vi descer, baixar no céu da vida
Cada estrela e fiquei nas trevas laborando:

Depois que sobre o peito os braços apertando
Achei o vácuo só, e tive a luz sumida
Sem ver já onde olhar, e em todo vi perdida
A flor do meu jardim, que eu mais andei regando:

Retirei os meus pés da senda dos abrolhos,
Virei-me a outro céu, nem ergo já meus olhos
Senão à estrela ideal, que a luz do amor contém...

Não temas pois — Oh vem! o Céu é puro, e calma
E silenciosa a terra, e doce o mar, e a alma...
A alma! não a vês tu? mulher, mulher! oh vem!

A UM POETA

Surge et ambula!

Tu que dormes, espírito sereno,
Posto à sombra dos cedros seculares,
Como um levita à sombra dos altares,
Longe da luta e do fragor terreno,

Acorda! é tempo! O sol, já alto e pleno,
Afugentou as larvas tumulares...
Para surgir do seio desses mares,
Um mundo novo espera só um aceno...

Escuta! é a grande voz das multidões!
São teus irmãos, que se erguem! são canções...
Mas de guerra... e são vozes de rebate!

Ergue-te, pois, soldado do Futuro,
E dos raios de luz do sonho puro,
Sonhador, faze espada de combate!

JUSTITIA MATER

Nas florestas solenes há o culto
Da eterna, íntima força primitiva:
Na serra, o grito audaz da alma cativa,
Do coração, em seu combate inulto:

No espaço constelado passa o vulto
Do inominado Alguém, que os sóis aviva:
No mar ouve-se a voz grave e aflitiva
Dum Deus que luta, poderoso e inculto.

Mas nas negras cidades, onde solta
Se ergue, de sangue mádida, a revolta,
Como incêndio que um vento bravo atija,

Há mais alta missão, mais alta glória:
O combater, à grande luz da história,
Os combates eternos da Justiça!

TESE E ANTÍTESE

I

Já não sei o que vale a nova ideia,
Quando a vejo nas ruas desgrehada,
Torva no aspecto, à luz da barricada,
Como bacante após lúbrica ceia!

Sanguinolento o olhar se lhe incendeia...
Respira fumo e fogo embriagada...
A deusa de alma vasta e sossegada
Ei-la presa das fúrias de Medeia!

Um século irritado e truculento
Chama à epilepsia pensamento,
Verbo ao estampido de pelouro e obus...

Mas a ideia é num mundo inalterável,
Num cristalino Céu, que vive estável...
Tu, pensamento, não és fogo, és luz!

II

Num Céu intemerato e cristalino
Pode habitar talvez um Deus distante,
Vendo passar em sonho cambiante
O Ser, como espectáculo divino:

Mas o homem, na terra onde o destino
O lançou, vive e agita-se incessante...
Enche o ar da terra o seu pulmão possante...
Cá da terra blasfema ou ergue um hino...

A ideia encarna em peitos que palpitam:
O seu pulsar são chamas que crepitam,
Paixões ardentes como vivos sóis!

Combatei pois na terra árida e bruta,
Té que a revolva o remoinhar da luta,
Té que a fecunde o sangue dos heróis

MAIS LUZ!

A Guilherme de Azevedo

Amem a noite os magros crapulosos,
E os que sonham com virgens impossíveis,
E os que se inclinam, mudos e impassíveis,
À borda dos abismos silenciosos...

Tu, Lua, com teus raios vaporosos,
Cobre-os, tapa-os e torna-os insensíveis,
Tanto aos vícios cruéis e inextinguíveis,
Como aos longos cuidados dolorosos!

Eu amarei a santa madrugada,
E o meio-dia, em vida refervendo,
E a tarde rumorosa e repousada.

Viva e trabalhe em plena luz: depois,
Seja-me dado ainda ver, morrendo,
O claro Sol, amigo dos heróis!

A UM CRUCIFIXO

Não se perdeu teu sangue generoso,
Nem padeceste em vão, quem quer que foste,
Plebeu antigo, que amarrado ao poste
Morreste como vil e faccioso.

Desse sangue maldito e ignominioso
Surgiu armada uma invencível hoste...
Paz aos homens e guerra aos deuses! — pôs-te
Em vão sobre um altar o vulgo ocioso...

Do pobre que protesta foste a imagem:
Um povo em ti começa, um homem novo:
De ti data essa trágica linhagem.

Por isso nós, a Plebe, ao pensar nisto,
Lembraremos, herdeiros desse povo,
Que entre nossos avós se conta Cristo.

HINO À RAZÃO

Razão, irmã do Amor e da Justiça,
Mais uma vez escuta a minha prece,
É a voz dum coração que te apetece,
Duma alma livre, só a ti submissa.

Por ti é que a poeira movediça
De astros e sóis e mundos permanece;
E é por ti que a virtude prevalece,
E a flor do heroísmo medra e viça.

Por ti, na arena trágica, as nações
Buscam a liberdade, entre clarões;
E os que olham o futuro e cismam, mudos,

Por ti, podem sofrer e não se abatem,
Mãe de filhos robustos, que combatem
Tendo o teu nome escrito em seus escudos!

DESPONDENCY

Deixá-la ir, a ave, a quem roubaram
Ninho e filhos e tudo, sem piedade...
Que a leve o ar sem fim da soledade
Onde as asas partidas a levaram...

Deixá-la ir, a vela que arrojaram
Os tufões pelo mar, na escuridade,
Quando a noite surgiu da imensidade,
Quando os ventos do Sul se levantaram...

Deixá-la ir, a alma lastimosa,
Que perdeu fé e paz e confiança,
À morte queda, à morte silenciosa...

Deixá-la ir, a nota desprendida
Dum canto extremo... e a última esperança...
E a vida... e o amor... deixá-la ir, a vida!

O PALÁCIO DA VENTURA

Sonho que sou um cavaleiro andante.
Por desertos, por sóis, por noite escura,
Paladino do amor, busco anelante
O palácio encantado da Ventura!

Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quebrada a espada já, rota a armadura...
E eis que súbito o avisto, fulgurante
Na sua pompa e aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:
Eu sou o Vagabundo, o Deserdado...
Abri-vos, portas de ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas d'ouro, com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silêncio e escuridão — e nada mais!

A J. FÉLIX DOS SANTOS

Sempre o futuro, sempre! e o presente
Nunca! Que seja esta hora em que se existe
De incerteza e de dor sempre a mais triste,
E só farte o desejo um bem ausente!

Ai! que importa o futuro, se inclemente
Essa hora, em que a esperança nos consiste,
Chega... é presente... e só à dor assiste?...
Assim, qual é a esperança que não mente?

Desventura ou delírio?... O que procuro,
Se me foge, é miragem enganosa,
Se me espera, pior, espectro impuro...

Assim a vida passa vagarosa:
O presente, a aspirar sempre ao futuro:
O futuro, uma sombra mentirosa.

LAMENTO

Um dilúvio de luz cai da montanha:
Eis o dia! eis o Sol! o esposo amado!
Onde há por toda a Terra um só cuidado
Que não dissipe a luz que o Mundo banha?

Flor a custo medrada em erma penha,
Revolto mar ou golfo congelado,
Aonde há ser de Deus tão olvidado
Para quem paz e alívio o Céu não tenha?

Deus é Pai! Pai de toda a criatura:
E a todo o ser o seu amor assiste:
De seus filhos o mal sempre é lembrado...

Ah! se Deus a seus filhos dá ventura
Nesta hora santa... e eu só posso ser triste...
Serei filho, mas filho abandonado!

A ALBERTO TELES

Só — Ao ermita sozinho na montanha
Visita-o Deus e dá-lhe confiança:
No mar, o nauta, que o tufão balança,
Espera um sopro amigo que o Céu tenha...

Só! — Mas quem se assentou em riba estranha,
Longe de seus, lá tem inda a lembrança;
E Deus deixa-lhe ao menos a esperança
Ao que à noite soluça em erma penha...

Só! — Não o é quem na dor, quem nos cansaços,
Tem um laço que o prenda a este fadário,
Uma crença, um desejo... e inda um cuidado...

Mas cruzar, com desdém, inertes braços,
Mas passar, entre turbas, solitário,
Isto é ser só, é ser abandonado!

A SANTOS VALENTE

Estreita é do prazer na vida a taça:
Largo, como o oceano é largo e fundo,
E como ele em venturas infecundo,
O cálix amargoso da desgraça.

E contudo nossa alma, quando passa,
Incerta peregrina, pelo Mundo,
Prazer só pede à vida, amor fecundo,
É com essa esperança que se abraça.

É lei de Deus este aspirar imenso...
E contudo a ilusão impôs à vida,
E manda buscar luz e dá-nos treva!

Ah! se Deus acendeu um foco intenso
De amor e dor em nós, na ardente lida,
Porque a miragem cria... ou porque a leva?

AMARITUDO

Só por ti, astro ainda e sempre oculto,
Sombra do Amor e sonho da Verdade,
Divago eu pelo Mundo e em ansiedade
Meu próprio coração em mim supulto.

De templo em templo, em vão, levo o meu culto,
Levo as flores duma íntima piedade.
Vejo os votos da minha mocidade
Receberem somente escárnio e insulto.

À beira do caminho me assentei...
Escutarei passar o agreste vento,
Exclamando: assim passe quanto ameí! —

Ó minha alma, que creste na virtude!
O que será velhice e desalento,
Se isto se chama aurora e juventude?

MEA CULPA

Não duvido que o Mundo no seu eixo
Gire suspenso e volva em harmonia;
Que o homem suba e vá da noite ao dia,
E a homem vá subindo insecto e seixo.

Não chamo a Deus tirano, nem me queixo,
Nem chamo ao céu da vida noite fria;
Não chamo à existência hora sombria;
Acaso à ordem; nem à lei desleixo.

A Natureza é minha mãe ainda...
É minha mãe... Ah, se eu à face linda
Não sei sorrir; se estou desesperado;

Se nada há que me aqueça esta frieza;
Se estou cheio de fel e de tristeza...
É de crer que só eu seja o culpado!

SEPULTURA ROMÂNTICA

Ali, onde o mar quebra, num cachão
Rugidor e monótono, e os ventos
Erguem pelo areal os seus lamentos,
Ali se há-de enterrar meu coração.

Queimem-no os sóis da adusta solidão
Na fornalha do Estio, em dias lentos;
Depois, no Inverno, os sopros violentos
Lhe revolvam em torno o árido chão...

Até que se desfaça e, já tornado
Em impalpável pó, seja levado
Nos turbilhões que o vento levantar...

Com suas lutas, seu cansado anseio,
Seu louco amor, dissolva-se no seio
Desse infecundo, desse amargo mar!

A UMA MULHER

Para tristezas, para dor nasceste.
Podia a sorte pôr-te o berço estreito
Nalgum palácio e ao pé de régio leito,
Em vez deste areal onde cresceste:

Podia abrir-te as flores — com que veste
As ricas e as felizes — nesse peito;
Fazer-te... o que a Fortuna há sempre feito...
Terias sempre a sorte que tiveste!

Tinhas de ser assim... Teus olhos fitos,
Que não são deste Mundo e onde eu leio
Uns mistérios tão tristes e infinitos,

Tua voz rara e esse ar vago e esquecido,
Tudo me diz a mim, e assim o creio,
Que para isto só tinhas nascido!

NOX

A Fernando Leal

Noite, vão para ti meus pensamentos,
Quando olho e vejo, à luz cruel do dia,
Tanto estéril lutar, tanta agonia,
E inúteis tantos ásperos tormentos...

Tu, ao menos, abafas os lamentos,
Que se exalam da trágica enxovia...
O eterno Mal, que ruge e desvaria,
Em ti descansa e esquece alguns momentos...

Oh! antes tu também adormecesses
Por uma vez, e eterna, inalterável,
Caindo sobre o Mundo, te esquecesses,

E ele, o Mundo, sem mais lutar nem ver,
Dormisse no teu seio inviolável,
Noite sem termo, noite do Não-ser!

ESTOICISMO

A Manuel Duarte de Almeida

Tu que não crês, nem amas, nem esperas,
Espírito de eterna negação,
Teu hálito gelou-me o coração
E destroçou-me da alma as primaveras...

Atravessando regiões austeras,
Cheias de noite e cava escuridão,
Como num sonho mau, só oiço um não,
Que eternamente ecoa entre as esferas...

— Porque suspiras, porque te lamentas,
Cobarde coração? Debalde intentas
Opor à Sorte a queixa do egoísmo...

Deixa os tímidos, deixa aos sonhadores,
A esperança vã, seus vãos fulgores...
Sabe tu encarar sereno o abismo!

CONSULTA

A Alberto Sampaio

Chamei em volta do meu frio leito
as memórias melhores de outra idade,
Formas vagas, que às noites, com piedade,
Se inclinam, a espreitar, sobre o meu peito...

E disse-lhes: — No mundo imenso e estreito
Valia a pena, acaso, em ansiedade
Ter nascido? dissei-mo com verdade,
Pobres memórias que eu ao seio estreito...

Mas elas perturbaram-se — coitadas!
E empalideceram, contristadas,
Ainda a mais feliz, a mais serena...

E cada uma delas, lentamente,
Com um sorriso mórbido, pungente,
Me respondeu: — Não, não valia a pena!

NO TURBILHÃO

A Jaime Batalha Reis

No meu sonho desfilam as visões,
Espectros dos meus próprios pensamentos,
Como um bando levado pelos ventos,
Arrebatado em vastos turbilhões...

Num espiral, de estranhas contorções,
E donde saem gritos e lamentos,
Vejo-os passar, em grupos nevoentos,
Distingo-lhes, a espaços, as feições...

— Fantasmas de mim mesmo e da minha alma,
Que me fitais com formidável calma,
Levados na onda turva do escarcéu,

Quem sois vós, meus irmãos e meus algozes?
Quem sois, visões misérrimas e atrozes?
Ai de mim! ai de mim! e quem sou eu?!...

VISÃO

A J. M. Eça de Queirós

Eu vi o Amor — mas nos seus olhos baços
Nada sorria já: só fixo e lento
Morava agora ali um pensamento
De dor sem trégua e de íntimos cansaços.

Pairava, como espectro, nos espaços,
Todo envolto num nimbo pradacento...
Na atitude convulsa do tormento,
Torcia e retorcia os magros braços...

E arrancava das asas destroçadas
A uma e uma as penas maculadas,
Soltando a espaços um soluço fundo,

Soluço de ódio e raiva impenitentes...
E do fantasma as lágrimas ardentes
Caíam lentamente sobre o Mundo!

NIRVANA

A Guerra Junqueiro

Para além do Universo luminoso,
Cheio de formas, de rumor, de lida,
De forças, de desejos e de vida,
Abre-se como um vácuo tenebroso.

A onda desse mar tumultuoso
Vem ali expirar, esmaecida...
Numa imobilidade indefinida
Termina ali o ser, inerte, ocioso...

E quando o pensamento, assim absorto,
Emerge a custo desse mundo morto
E torna a olhar as coisas naturais,

À bela luz da vida, ampla, infinita,
Só vê com tédio, em tudo quanto fita,
A ilusão e o vazio universais.

LACRIMAE RERUM

A Tommazzo Cannizzarro

Noite, irmã da Razão e irmã da Morte,
Quantas vezes tenho eu interrogado
Teu verbo, teu oráculo sagrado,
Confidente e intérprete da Sorte!

Aonde são teus sóis, como coorte
De almas inquietas, que conduz o Fado?
E o homem porque vaga desolado
E em vão busca a certeza que o conforto?

Mas, na pompa de imenso funeral,
Muda, a noite, sinistra e triunfal,
Passa volvendo as horas vagarosas...

É tudo, em torno a mim, dúvida e luto;
E, perdido num sonho imenso, escuto
O suspiro das coisas tenebrosas...

A UM CRUCIFIXO

Há mil anos, bom Cristo, ergueste os magros braços
E clamaste da cruz: «Há Deus!» e olhaste, ó crente,
O horizonte futuro e viste, em tua mente,
Um alvor ideal banhar esses espaços!

Porque morreu sem eco o eco de teus passos,
E de tua palavra (ó Verbo!) o som fremente?
Morreste... ah! dorme em paz! não volvas, que descrente
Arrojaras de novo à campa os membros lassos...

Agora, como então, na mesma terra erma,
A mesma humanidade é sempre a mesma enferma,
Sob o mesmo ermo Céu, frio como um sudário...

E agora, como então, viras o Mundo exangue
E ouviras perguntar: «De que serviu o sangue
Com que regaste, ó Cristo, as urzes do Calvário?»

VELUT UMBRA

Fumo e cismo. Os castelos do horizonte
Erguem-se, à tarde, e crescem, de mil cores,
E ora espalham no Céu vivos ardores,
Ora fumam, vulcões de estranho monte...

Depois, que formas vagas vêm defronte,
Que parecem sonhar loucos amores?
Almas que vão, por entre luz e horrores,
Passando a barca desse aéreo Aqueronte...

Apago o meu charuto quando apagas
Teu facho, ó Sol... ficamos todos sós...
É nesta solidão que me consumo!

Ó nuvem do Ocidente, ó coisas vagas,
Bem vos entendo a cor, pois, como a vós,
Beleza e altura se me vão em fumo!

ESPECTROS

Espectros que velais, enquanto a custo
Adormeço um momento, e que, inclinados
Sobre os meus sonos curtos e cansados,
Me encheis as noites de agonia e susto!

De que me vale a mim ser puro e justo,
E entre combates sempre renovados
Disputar dia a dia à mão dos Fados
Uma parcela do saber augusto,

Se a minha alma há-de ver, sobre si fitos,
Sempre esses olhos trágicos, malditos!
Se até dormindo, com angústia imensa,

Bem os sinto verter sobre o meu leito,
Uma a uma verter sobre o meu peito
As lágrimas geladas da descrença!

TORMENTO DO IDEAL

Conheci a Beleza que não morre
E fiquei triste. Como quem da serra
Mais alta que haja, olhando aos pés a terra
E o mar, vê tudo, a maior nau ou torre,

Minguar, fundir-se, sob a luz que jorre:
Assim eu vi o Mundo e o que ele encerra
Perder a cor, bem como a nuvem que erra
Ao pôr do Sol e sobre o mar discorre.

Pedindo à forma, em vão, a ideia pura,
Tropeço, sombras, na matéria dura,
E encontro a imperfeição de quanto existe.

Recebi o baptismo dos poetas,
E, assentado entre as formas incompletas,
Para sempre fiquei pálido e triste.

VOZ DO OUTONO

Ouve tu, meu cansado coração,
O que te diz a voz da Natureza:
— «Mais te valera, nu e sem defesa,
Ter nascido em aspérrima soidão,

Ter gemido, ainda infante, sobre o chão
Frio e cruel da mais cruel devesa,
Do que embalar-te a Fada da Beleza,
Como embalou, no berço da Ilusão!

Mais valera à tua alma visionária,
Silenciosa e triste, ter passado
Por entre o Mundo hostil e a turba vária,
(Sem ver uma só flor das mil que amaste)
Com ódio e raiva e dor... que ter sonhado
Os sonhos ideais que tu sonhaste!» —

NOCTURNO

Espírito que passas, quando o vento
Adormece no mar e surge a Lua,
Filho esquivo da noite que flutua,
Tu só entendes bem o meu tormento...

Como um canto longínquo — triste e lento —
Que voga e subtilmente se insinua,
Sobre o meu coração, que tumultua,
Tu vertes pouco a pouco o esquecimento...

A ti confio o sonho em que me leva
Um instinto de luz, rompendo a treva,
Buscando, entre visões, o eterno Bem.

E tu entendes o meu mal sem nome,
A febre de Ideal, que me consome,
Tu só, Génio da Noite, e mais ninguém!

ANIMA MEA

Estava a Morte ali, em pé, diante,
Sim, diante de mim, como serpente
Que dormisse na estrada e de repente
Se erguesse sob os pés do caminhante.

Era de ver a fúnebre bacante!
Que torvo olhar! que gesto de demente!
E eu disse-lhe: «Que buscas, impudente,
Loba faminta, pelo Mundo errante?»

— «Não temas, respondeu (e uma ironia
Sinistramente estranha, atroz e calma,
Lhe torceu cruelmente a boca fria).

Eu não busco o teu corpo... Era um trofeu
Glorioso de mais... Busco a tua alma.» —
Respondi-lhe: «A minha alma já morreu!»

DAS UNNENNBARE

Ó quimera, que passas embalada
Na onda dos meus sonhos dolorosos,
E roças cos vestidos vaporosos
A minha fronte pálida e cansada!

Leva-te o ar da noite sossegada...
Pergunto em vão, com olhos ansiosos,
Que nome é que te dão os venturosos
No teu país, misteriosa fada!

Mas que destino o meu! e que luz baça
A desta aurora, igual à do sol-posto,
Quando só nuvem lívida esvoaça!

Que nem a noite uma ilusão consinta!
Que só de longe e em sonhos te pressinta...
E nem em sonhos possa ver-te o rosto!

ENQUANTO OUTROS COMBATEM

Empunhasse eu a espada dos valentes!
Impelisse-me a acção, embriagado,
Por esses campos onde a Morte e o Fado
Dão a lei aos reis trémulos e às gentes!

Respirariam meus pulmões contentes
O ar de fogo do circo ensanguentado...
Ou caíra radioso, amortalhado
Na fulva luz dos gládios reluzentes!

Já não veria dissipar-se a aurora
De meus inúteis anos, sem uma hora
Viver mais que de sonhos e ansiedade!

Já não veria em minhas mãos piedosas
Desfolhar-se, uma a uma, as tristes rosas
Desta pálida e estéril mocidade!

MÃE

Mãe — que adormente este viver dorido,
E me vele esta noite de tal frio,
E com as mãos piedosas até o fio
Do meu pobre existir, meio partido...

Que me leve consigo, adormecido,
Ao passar pelo sítio mais sombrio...
Me banhe e lave a alma lá no rio
Da clara luz do seu olhar querido...

Eu dava o meu orgulho de homem — dava
Minha estéril ciência, sem receio,
E em débil criancinha me tornava,

Descuidada, feliz, dócil também,
Se eu pudesse dormir sobre o teu seio,
Se tu fosses, querida, a minha mãe!

A GERMANO MEIRELES

Só males são reais, só dor existe;
Prazeres só os gera a fantasia;
Em nada, um imaginar, o bem consiste,
Anda o mal em cada hora e instante e dia.

Se buscamos o que é, o que devia
Por natureza ser não nos assiste;
Se fiamos num bem, que a mente cria,
Que outro remédio há aí senão ser triste?

Oh! quem tanto pudera que passasse
A vida em sonhos só, e nada vira...
Mas, no que se não vê, labor perdido!

Quem fora tão ditoso que olvidasse...
Mas nem seu mal com ele então dormira,
Que sempre o mal pior é ter nascido!

À VIRGEM SANTÍSSIMA

Cheia de Graça, Mãe de Misericórdia.

Num sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizível ansiedade
É que eu vi teu olhar de piedade
e (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da beleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as há na natureza...

Um místico sofrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

NO CIRCO

A João de Deus

Muito longe daqui, nem eu sei quando,
Nem onde era esse Mundo em que eu vivia...
Mas tão longe... que até dizer podia
Que enquanto lá andei, andei sonhando...

Porque era tudo ali aéreo e brando,
E lúcida a existência amanhecia...
E eu... leve como a luz... até que um dia
Um vento me tomou e vim rolando...

Caí e achei-me, de repente, envolto
Em luta bestial, na arena fera,
Onde um bruto furor bramia solto.

Senti um monstro em mim nascer nessa hora,
E achei-me de improviso feito fera...
— É assim que rujo entre leões agora!

TRANSCENDENTALISMO

A J. P. Oliveira Martins

Já sossega, depois de tanta luta,
Já me descansa em paz o coração.
Caí na conta, enfim, de quanto é vão
O bem que ao Mundo e à Sorte se disputa.

Penetrando, com fronte não enxuta,
No sacrário do templo da Ilusão,
Só encontrei, com dor e confusão,
Trevas e pó, uma matéria bruta...

Não é no vasto Mundo — por imenso
Que ele pareça à nossa mocidade —
Que a alma sacia o seu desejo intenso...

Na esfera do invisível, do intangível,
Sobre desertos, vácuo, soledade,
Voa e paira o espírito impassível!

NA MÃO DE DEUS

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Vitória de O. M.

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou afinal meu coração.
Do palácio encantado da Ilusão
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortais, com que se enfeita
A ignorância infantil, despojo vão,
Depus do Ideal e da Paixão
A forma transitória e imperfeita.

Como criança, em lôbrega jornada,
Que a mãe leva ao colo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu sono, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

IGNOTO DEO

Que beleza mortal se te assemelha,
Ó sonhada visão desta alma ardente,
Que reflectes em mim teu brilho ingente,
Lá como sobre o mar o Sol se espelha?

O Mundo é grande — e esta ânsia me aconselha
A buscar-te na Terra: e eu, pobre crente,
Pelo Mundo procuro um Deus clemente,
Mas a ara só lhe encontro... nua e velha...

Não é mortal o que eu em ti adoro.
Que és tu aqui? olhar de piedade,
Gota de mel em taça de venenos...

Pura essência das lágrimas que choro
E sonho dos meus sonhos! se és verdade,
Descobre-te, visão, no Céu ao menos!

SALMO

Esperemos em Deus! Ele há tomado
Em suas mãos a massa inerte e fria
Da matéria impotente e, num só dia,
Luz, movimento, acção, tudo lhe há dado.

Ele, ao mais pobre de alma, há tributado
Desvelo e amor: ele conduz à via
Segura quem lhe foge e se extravia,
Quem pela noite andava desgarrado.

E a mim, que aspiro a ele, a mim, que o amo,
Que anseio por mais vida e maior brilho,
Há-de negar-me o termo deste anseio?

Buscou quem o não quis: e a mim, que o chamo,
Há-de fugir-me, como a ingrato filho?
Ó Deus, meu pai e abrigo! espero!... eu creio!

ASPIRAÇÃO

Meus dias vão correndo vagarosos,
Sem prazer e sem dor, e até parece
Que o foco interior já desfalece
E vacila com raios duvidosos.

É bela a vida e os anos são formosos,
E nunca ao peito amante o amor falece...
Mas, se a beleza aqui nos aparece,
Logo outra lembra de mais puros gozos.

Minha alma, ó Deus! a outros céus aspira:
Se um momento a prendeu mortal beleza,
É pela eterna pátria que suspira...

Porém, do pressentir dá-me a certeza,
Dá-ma! e sereno, embora a dor me fira,
Eu sempre bendirei esta tristeza!

COMUNHÃO

Ao Sr. João Lobo de Moura

Reprimirei meu pranto!... Considera
Quantos, minha alma, antes de nós vagaram,
Quantos as mãos incertas levantaram
Sob este mesmo céu de luz austera!...

— Luz morta! amarga a própria Primavera! —
Mas seus pacientes corações lutaram,
Crentes só por instinto, e se apoiaram
Na obscura e heróica fé, que os retempera...

E sou eu mais do que eles? igual fado
Me prende à lei de ignotas multidões. —
Seguirei meu caminho confiado,

Entre esses vultos mudos, mas amigos,
Na humilde fé de obscuras gerações,
Na comunhão dos nossos pais antigos.

O CONVERTIDO

A. Gonçalves Crespo

Entre os filhos dum século maldito
Tomei também lugar na ímpia mesa,
Onde, sob o folgar, geme a tristeza
Duma ânsia impotente de infinito.

Como os outros, cuspi no altar avito
Um rir feito de fel e de impureza...
Mas um dia abalou-se-me a firmeza,
Deu-me rebate o coração contrito!

Erma, cheia de tédio e de quebranto,
Rompendo os diques ao represo pranto,
Virou-se para Deus minha alma triste!

Amortalhei na Fé o pensamento,
E achei a paz na inércia e esquecimento...
Só me falta saber se Deus existe!

EM VIAGEM

Pelo caminho estreito, aonde a custo
Se encontra uma só flor, ou ave, ou fonte,
Mas só bruta aridez de áspero monte
E os sóis e a febre do areal adusto,

Pelo caminho estreito entrei sem susto
E sem susto encarei, vendo-os defronte,
Fantasmas que surgiam do horizonte
A acometer meu coração robusto...

Quem sois vós, peregrinos singulares?
Dor, Tédio, Desenganos e Pesares...
Atrás deles a Morte espreita ainda...

Conheço-vos. Meus guias derradeiros
Sereis vós. Silenciosos companheiros,
Bem-vindos, pois, e tu, Morte, bem-vinda!

MORS LIBERATRIX

A Bulhão Pato

Na tua mão, sombrio cavaleiro,
Cavaleiro vestido de armas pretas,
Brilha uma espada feita de cometas,
Que rasga a escuridão, como um luzeiro.

Caminhas no teu curso aventureiro,
Todo envolto na noite que projectas...
Só o gládio de luz com fulvas betas
Emerge do sinistro nevoeiro.

— «Se esta espada que empunho é coruscante
(Responde o negro cavaleiro andante),
É porque esta é a espada da Verdade:

Firo mas salvo... Prostro e desbarato,
Mas consolo... Subverto, mas resgato...
E, sendo a Morte, sou a liberdade.»

O QUE DIZ A MORTE

«Deixai-os vir a mim, os que lidaram;
Deixai-os vir a mim, os que padecem;
E os que cheios de mágoa e tédio encaram
As próprias obras vãs, de que escarnecem...

Em mim, os Sofrimentos que não saram,
Paixão, Dúvida e Mal, se desvanecem.
As torrentes da Dor, que nunca param,
Como num mar, em mim desaparecem.» —

Assim a Morte diz. Verbo velado,
Silencioso intérprete sagrado
Das coisas invisíveis, muda e fria,

É, na sua mudez, mais retumbante
Que o clamoroso mar; mais rutilante,
Na sua noite, do que a luz do dia.

ELOGIO DA MORTE

Morrer é ser iniciado.
Antologia Grega

I

Altas horas da noite, o Inconsciente
Sacode-me com força, e acordo em susto.
Como se o esmagassem de repente,
Assim me pára o coração robusto.

Não que de larvas me povoe a mente
Esse vácuo nocturno, mudo e augusto,
Ou forceje a razão por que afugente
Algum remorso, com que encara a custo...

Nem fantasmas nocturnos visionários,
Nem desfilar de espectros mortuários,
Nem dentro em mim terror de Deus ou Sorte...

Nada! o fundo dum poço, húmido e morno,
Um muro de silêncio e treva em torno,
E ao longe os passos sepulcrais da Morte.

II

Na floresta dos sonhos, dia a dia,
Se interna meu dorido pensamento;
Nas regiões do vago esquecimento
Me conduz, passo a passo, a fantasia.

Atravesso, no escuro, a névoa fria
Dum mundo estranho, que povoa o vento,
E meu queixoso e incerto sentimento
Só das visões da noite se confia.

Que místicos desejos me enlouquecem?
Do Nirvana os abismos aparecem,
A meus olhos, na muda imensidade!

Nesta viagem pelo ermo espaço
Só busco o teu encontro e o teu abraço,
Morte! irmã do Amor e da Verdade!

III

Eu não sei quem tu és — mas não procuro
(Tal é a minha confiança) devassá-lo.
Basta sentir-te ao pé de mim, no escuro,
Entre as formas da noite com quem falo.

Através do silêncio frio e obscuro
Teus passos vou seguindo, e, sem abalo,
No cairel dos abismos do Futuro
Me inclino à tua voz, para sondá-lo.

Por ti me engolfo no nocturno mundo
Das visões da região inominada,
A ver se fixo o teu olhar profundo...

Fixá-lo, compreendê-lo, basta uma hora,
Funérea Beatriz de mão gelada...
Mas única Beatriz consoladora!

IV

Longo tempo ignorei (mas que cegueira
Me trazia este espírito enublado!)
Quem fosses tu, que andavas a meu lado,
Noite e dia, impassível companheira...

Muitas vezes, é certo, na canseira,
No tédio extremo dum viver magoado,

Para ti levantei o olhar turbado,
Invocando-te, amiga verdadeira...

Mas não te amava então nem conhecia:
Meu pensamento inerte nada lia
Sobre essa muda fronte, austera e calma.

Luz íntima, afinal, aluminau-me...
Filha do mesmo pai, já sei teu nome,
Morte, irmã coeterna da minha alma!

V

Que nome te darei, austera imagem,
Que avisto já num ângulo da estrada,
Quando me desmaiava a alma prostrada
Do cansaço e do tédio da viagem?

Em teus olhos vê a turba uma voragem,
Cobre o rosto e recua apavorada...
Mas eu confio em ti, sombra velada,
E cuido perceber tua linguagem...

Mais claro vejo, a cada passo, escritos,
Filha da noite, os lemas do Ideal,
Nos teus olhos profundos sempre fitos...

Dormirei no teu seio inalterável,
Na comunhão da paz universal,
Morte libertadora e inviolável!

VI

Só quem teme o Não-ser é que se assusta
Com teu vasto silêncio mortuário,
Noite sem fim, espaço solitário,
Noite da Morte, tenebrosa e augusta...

Eu não: minha alma humilde, mas robusta,
Entra crente em teu átrio funerário:
Para os mais és um vácuo cinerário,
A mim sorri-me a tua face adusta.

A mim seduz-me a paz santa e inefável
E o silêncio sem par do Inalterável,
Que envolve o eterno amor no eterno luto.

Talvez seja pecado procurar-te,
Mas não sonhar contigo e adorar-te,
Não-ser, que és o Ser único absoluto

MORS-AMOR

A Luís de Magalhães

Esse negro corcel, cujas passadas
Escuto em sonhos, quando a sombra desce,
E, passando a galope, me aparece
Da noite nas fantásticas estradas,

Donde vem ele? Que regiões sagradas
E terríveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavaleiro de expressão potente,
Formidável, mas plácido, no porte,
Vestido de armadura reluzente,

Cavalsa a fera estranha sem temor:
E o corcel negro diz: «Eu sou a Morte!»
Responde o cavaleiro: «Eu sou o Amor!»

A JOÃO DE DEUS

Se é lei, que rege o escuro pensamento,
Ser vã toda a pesquisa da verdade,
Em vez da luz achar a escuridade,
Ser uma queda nova cada invento:

É lei também, embora cru tormento,
Buscar, sempre buscar a claridade,
E só ter como certa realidade
O que nos mostra claro o entendimento.

O que há-de a alma escolher, em tanto engano?
Se uma hora crê de fé, logo duvida:
Se procura, só acha... o desatino!

Só Deus pode acudir em tanto dano:
Esperemos a luz duma outra vida,
Seja a terra degredo, o Céu destino.

QUIA ÆTERNUS

A Joaquim de Araújo

Não morreste, por mais que o brade à gente
Uma orgulhosa e vã filosofia...
Não se sacode assim tão facilmente
O jugo da divina tirania!

Clamam em vão, e esse triunfo ingente,
Com que a Razão — coitada! — se inebria,
É nova forma, apenas, mais pungente,
Da tua eterna, trágica ironia.

Não, não morreste, espectro! O Pensamento
Como dantes te encara, e és o tormento
De quantos sobre os livros desfalecem.

E os que folgam na orgia ímpia e devassa,
Ai! quantas vezes, ao erguer a taça,
Param e, estremecendo, empalidecem!

IGNOTUS

A Salomão Sáragga

Onde te escondes? Eis que em vão clamamos,
Suspirando e erguendo as mãos em vão!
Já a voz enrouquece e o coração
Está cansado — e já desesperamos...

Por Céu, por mar e terras procuramos
O Espírito que enche a solidão
E só a própria voz na imensidão
Fatigada nos volve... e não te achamos!

Céus e terra, clamai, aonde? aonde? —
Mas o espírito antigo só responde,
Em tom de grande tédio e de pesar:

— Não vos queixeis, ó filhos da ansiedade,
Que eu mesmo, desde toda a eternidade,
Também me busco a mim... sem me encontrar!

O INCONSCIENTE

O espectro familiar que anda comigo,
Sem que pudesse ainda ver-lhe o rosto,
Que umas vezes encaro com desgosto
E outras muitas ansioso espreito e sigo,

É um espectro mudo, grave, antigo,
Que parece a conversas mal disposto...
Ante esse vulto, ascético e composto,
Mil vezes abro a boca... e nada digo.

Só uma vez ousei interrogá-lo:

— «Quem és (lhe perguntei com grande abalo),
Fantasma a quem odeio e a quem amo?»

— «Teus irmãos (respondeu), os vãos humanos,
Chamam-me Deus, há mais de dez mil anos...
Mas eu por mim não sei como me chamo...»

DIVINA COMÉDIA

Ao Dr. José Falcão

Erguendo os braços para o Céu distante
E apostrofando os deuses invisíveis,
Os homens clamam: — «Deuses impassíveis,
A quem serve o destino triunfante,

Porque é que nos criastes?! Incessante
Corre o tempo e só gera, inextinguíveis,
Dor, pecado, ilusão, lutas horríveis,
Num turbilhão cruel e delirante...

Pois não era melhor na paz clemente
Do nada e do que ainda não existe,
Ter ficado a dormir eternamente?

Porque é que para a dor nos evocastes?»
Mas os deuses, com voz inda mais triste,
Dizem: — «Homens! porque é que nos criastes?!»

DISPUTA EM FAMÍLIA

*Dixit insipiens in corde suo:
non est Deus.*

I

Sai das nuvens, levanta a fronte e escuta
O que dizem teus filhos rebelados,
Velho Jeová de longa barba hirsuta,
Solitário em teus céus acastelados:

«— Cessou o império enfim da força bruta!
Não sofreremos mais, emancipados,
O tirano, de mão tenaz e astuta,
Que mil anos nos trouxe arrebanhados!

«Enquanto tu dormias impassível,
Topámos no caminho a liberdade,
Que nos sorriu com gesto indefinível...

«Já provámos os frutos da verdade...
Ó Deus grande, ó Deus forte, ó Deus terrível,
Não passas duma vã banalidade! —».

II

Mas o velho tirano solitário,
De coração austero e endurecido,
Que um dia, de enjoado ou distraído,
Deixou matar seu filho no Calvário,

Sorriu com rir estranho, ouvindo o vário
Tumultuoso coro e alarido
Do povo insipiente, que, atrevido,
Erguia a voz em grito ao seu sacrário:

— «Vanitas vanitatum!» (disse). É certo
Que o homem vão medita mil mudanças,
Sem achar mais do que erro e desacerto.

«Muito antes de nascerem vossos pais
Dum barro vil, ridículas crianças,
Sabia eu tudo isso... e muito mais! —»

PALAVRAS DUM CERTO MORTO

Há mil anos, e mais, que aqui estou morto,
Posto sobre um rochedo à chuva e ao vento:
Não há como eu espectro macilento,
Nem mais disforme que eu nenhum aborto...

Só o espírito vive: vela absorto
Num fixo, inexorável pensamento:
«Morto, enterrado em vida!», o meu tormento
É isto só... do resto não me importo...

Que vivi sei-o eu bem... mas foi um dia,
Um dia só... — no outro, a Idolatria
Deu-me um altar e um culto... ai! adoraram-me,
Como se eu fosse *alguém!* como se a Vida
Pudesse ser *alguém!* — logo em seguida
Disseram que era um Deus... e amortalharam-me!

LUTA

Fluxo e refluxo eterno...
João de Deus

Dorme a noite encostada nas colinas.
Como um sonho de paz e esquecimento
Desponta a Lua. Adormeceu o vento,
Adormeceram vales e campinas...

Mas a mim, cheia de atracções divinas,
Dá-me a noite rebate ao pensamento.
Sinto em volta de mim, tropel nevoento,
Os Destinos e as Almas peregrinas!

Insondável problema!... Apavorado
Recua o pensamento!... E já prostrado
E estúpido à força de fadiga,

Fito inconsciente as sombras visionárias,
Enquanto pelas praias solitárias
Ecoa, ó mar, a tua voz antiga

A IDEIA

I

Pois que os deuses antigos e os antigos
Divinos sonhos por esse ar se somem,
E à luz do altar da Fé, em Templo ou Dólmen,
A apagaram os ventos inimigos;

Pois que o Sinai se enubla e os seus pascigos,
Secos à míngua de água, se consomem,
E os profetas dourora todos dormem
Esquecidos, em terra sem abrigos;

Pois que o Céu se fechou, e já não desce
Na escada de Jacob (na de Jesus!)
Um só anjo que aceita a nossa prece;

É que o lírio da Fé já não renasce:
Deus tapou com a mão a sua luz
E ante os homens velou a sua face!

II

Pálido Cristo, ó condutor divino!
A custo agora a tua mão tão doce
Incerta nos conduz, como se fosse
Teu grande coração perdendo o tino...

A palavra sagrada do Destino
Na boca dos oráculos secou-se:
A luz da sarça-ardente dissipou-se
Ante os olhos do vago peregrino!

Ante os olhos dos homens — porque o Mundo
Desprendido rolou das mãos de Deus,
Como uma cruz das mãos dum moribundo!

Porque já se não lê seu nome escrito
Entre os astros... e os astros, como ateus,
Já não querem mais lei que o infinito!

III

Força é pois ir buscar outro caminho!
Lançar o arco de outra nova ponte
Por onde a alma passe — e um alto monte
Aonde se abra à luz o nosso ninho.

Se nos negam aqui o pão e o vinho,
Avante! é largo, imenso, esse horizonte...
Não, não se fecha o Mundo! e além, defronte,
E em toda a parte há luz, vida e carinho!

Avante! os mortos ficarão sepultos...
Mas os vivos que sigam, sacudindo
Como o pó da estrada os velhos cultos!

Doce e brando era o seio de Jesus...
Que importa? havemos de passar, seguindo,
Se além do seio dele houver mais luz!

IV

Conquista pois sozinho o teu futuro,
Já que os celestes guias te hão deixado,
Sobre uma terra ignota abandonado,
Homem — proscrito rei — mendigo escuro!

Se não tens que esperar do Céu (tão puro,
Mas tão cruel!) e o coração magoado

Sentes já de ilusões desenganado,
Das ilusões do antigo amor perjuro;
Ergue-te, então, na majestade estóica
Duma vontade solitária e altiva,
Num esforço supremo de alma heróica!
Faze um templo dos muros da cadeira,
Prendendo a imensidade eterna e viva
No círculo de luz da tua Ideia!

V

Mas a Ideia quem é? quem foi que a viu,
Jamais, a essa encoberta peregrina?
Quem lhe beijou a sua mão divina?
Com seu olhar de amor quem se vestiu?
Pálida imagem, que a água de algum rio,
Reflectindo, levou... incerta e fina
Luz, que mal bruxuleia pequenina...
Nuvem que trouxe o ar e o ar sumiu...
Estendei, estendei-lhe os vossos braços,
Magros da febre dum sonhar profundo,
Vós todos que a seguis nesses espaços!
E entanto, ó alma triste, alma chorosa,
Tu não tens outra amante em todo o Mundo
Mais que essa fria virgem desdenhosa!

VI

Outra amante não há! não há na vida
Sombra a cobrir melhor nossa cabeça,

Nem bálsamo mais doce, que adormeça
Em nós a antiga, a secular ferida!

Quer fuja esquiva, ou se ofereça erguida,
Como quem sabe amar e amar confessa,
Quer nas nuvens se esconda ou apareça,
Será sempre ela a esposa prometida!

Nossos desejos para ti, ó fria,
Se erguem, bem como os braços do proscrito
Para as bandas da pátria, noite e dia.

Podes fugir... nossa alma, delirante,
Seguir-te-á através do infinito,
Até voltar contigo, triunfante!

VII

Oh! o noivado bárbaro! o noivado
Sublime! aonde os céus, os céus ingentes,
Serão leito de amor, tendo pendentes
Os astros por dosel e cortinado!

As bodas do Desejo, embriagado
De ventura, afinal! visões ferventes
De quem nos braços vai de ideais ardentes
Por espaços sem termo arrebatado!

Lá, por onde se perde a fantasia
No sonho da beleza; lá, aonde
A noite tem mais luz que o nosso dia;

Lá, no seio da eterna claridade,
Aonde Deus à humana voz responde,
É que te havemos de abraçar, Verdade!

VIII

Lá! Mas onde é *lá?* aonde? — Espera,
Coração indomado! o Céu, que anseia
A alma fiel, o Céu, o céu da Ideia,
Em vão o buscas nessa imensa esfera!

O espaço é mudo: a imensidade austera
Debalde noite e dia se incendeia...
Em nenhum astro, em nenhum sol se alteia
A rosa ideal da eterna Primavera!

O Paraíso e o templo da Verdade,
Ó mundos, astros, sóis, constelações!
Nenhum de vós o tem na imensidade...

A Ideia, o sumo Bem, o Verbo, a Essência,
Só se revela aos homens e às nações
No céu incorruptível da Consciência!

LOGOS

Ao Sr. D. Nicolas Salmeron

Tu, que eu não vejo, e estás ao pé de mim
E, o que é mais, dentro em mim — que me rodeias
Com um nimbo de affectos e de ideias,
Que são o meu princípio, meio e fim...

Que estranho ser és tu (se és ser) que assim
Me arrebatas contigo e me passeias
Em regiões inominadas, cheias
De encanto e de pavor... de não e sim...

És um reflexo apenas da minha alma,
E, em vez de te encarar como fronte calma,
Sobressalto-me ao ver-te e tremo e exoro-te...

Falo-te, calas... calo, e vens atento...
És um pai, um irmão, e é um tormento
Ter-te a meu lado... és um tirano, e adoro-te!

DIÁLOGO

A cruz dizia à terra onde assentava,
Ao vale obscuro, ao monte áspero e mudo:
— «Que és tu, abismo e jaula, aonde tudo
Vive na dor e em luta cega e brava?

Sempre em trabalho, condenada escrava,
Que fazes tu de grande e bom, contudo?
Resignada, és só lodo informe e rudo;
Revoltosa, és só fogo e hórrida lava...

Mas a mim não há alta e livre serra
Que me possa igualar!... amor, firmeza,
Sou eu só: sou a paz, tu és a guerra!

Sou o espírito, a luz!... tu és tristeza,
Ó lodo escuro e vil!» — Porém a terra
Respondeu: «Cruz, eu sou a Natureza!»

HOMO

Nenhum de vós ao certo me conhece,
Astros do espaço, ramos do arvoredos,
Nenhum adivinhou o meu segredo,
Nenhum interpretou a minha prece...

Ninguém sabe quem sou... e mais, parece
Que há dez mil anos já, neste degredo,
Me vê passar o mar, vê-me o rochedo
E me contempla a aurora que alvorece...

Sou um parto da Terra monstruoso;
Do húmus primitivo e tenebroso
Geração casual, sem pai nem mãe...

Misto infeliz de trevas e de brilho,
Sou talvez Satanás — talvez um filho
Bastardo de Jeová — talvez ninguém!

METEMPSICOSE

Ardentes filhas do prazer, dizei-me!
Vossos sonhos quais são, depois da orgia?
Acaso nunca a imagem fugidia
Do que foste em vós se agita e freme?

Noutra vida e outra esfera, aonde geme
Outro vento, e se acende um outro dia,
Que corpo tínheis? que matéria fria
Vossa alma incendiou, com fogo estreme?

Vós fostes, nas florestas, bravas feras,
Arrastando, leoas ou panteras,
De dentadas de amor um corpo exangue...

Mordei pois esta carne palpitante,
Feras feitas de gaze flutuante...
Lobas! leoas! sim, bebei meu sangue!

EVOLUÇÃO

A Santos Valente

Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo,
Tronco ou ramo na incógnita floresta...
Onda, espumei, quebrando-me na aresta
Do granito, antiquíssimo inimigo...

Rugi, fera talvez, buscando abrigo
Na caverna que ensombra urze e giesta;
Ou, monstro primitivo, ergui a testa
No limoso paul, glauco pascigo...

Hoje sou homem — e na sombra enorme
Vejo, a meu pés, a escada multiforme,
Que desce, em espirais, na imensidade...

Interrogo o infinito e às vezes choro...
Mas, estendendo as mãos no vácuo, adoro
E aspiro unicamente à liberdade.

ESPIRITUALISMO

I

Como um vento de morte e de ruína,
A dúvida soprou sobre o Universo.
Fez-se noite de súbito, imerso
O Mundo em densa e álgida neblina.

Nem astro já reluz, nem ave trina,
Nem flor sorri no seu aéreo berço.
Um veneno subtil, vago, disperso,
Empeçonhou a criação divina.

E, no meio da noite monstruosa,
Do silêncio glacial, que paira e estende
O seu sudário, donde a morte pende,

Só uma flor humilde, misteriosa,
Como um vago protesto da existência,
Desabrocha no fundo da Consciência.

II

Dorme entre os gelos, flor imaculada!
Luta, pedindo um último clarão
Aos sóis que ruem pela imensidão,
Arrastando uma auréola apagada...

Em vão! Do abismo a boca escancarada
Chama por ti na gélida amplidão...
Sobe do poço eterno, em turbilhão,
A treva primitiva conglobada...

Tu morrerás também. Um ai supremo,
Na noite universal que envolve o Mundo,
Há-de ecoar, e teu perfume extremo

No vácuo eterno se esvairá disperso,
Como o alento final dum moribundo,
Como o último suspiro do Universo.

OCEANO NOX

A. A. de Azevedo Castelo Branco

Junto do mar, que erguia gravemente
A trágica voz rouca, enquanto o vento
Passava como o voo dum pensamento
Que busca e hesita, inquieto e intermitente,

Junto do mar sentei-me tristemente,
Olhando o Céu pesado e nevoento,
E interoguei, cismando, esse lamento
Que saía das coisas, vagamente...

Que inquieto desejo vos tortura,
Seres elementares, força obscura?
Em volta de que ideia gravitais? —

Mas na imensa extensão, onde se esconde
O inconsciente imortal, só me responde
Um bramido, um queixume, e nada mais...

CONTEMPLAÇÃO

A Francisco Machado de Faria e Maia

Sonho de olhos abertos, caminhando
Não entre as formas já e as aparências,
Mas vendo a face imóvel das essências,
Entre ideias e espíritos pairando...

Que é o Mundo ante mim? fumo ondeando,
Visões sem ser, fragmentos de existências...
Uma névoa de enganos e impotências
Sobre vácuo insondável rastejando...

E dentre a névoa e a sombra universais
Só me chega um murmúrio, feito de ais...
É a queixa, o profundíssimo gemido

Das coisas, que procuram cegamente
Na sua noite e dolorosamente
Outra luz, outro fim só pressentido...

REDENÇÃO

À Ex.^{ma} Sr.^a D. Celeste C. B. R.

I

Vozes do mar, das árvores, do vento!
Quando às vezes, num sonho doloroso,
Me embala o vosso canto poderoso,
Eu julgo igual ao meu vosso tormento...

Verbo crepuscular e íntimo alento
Das coisas mudas; salmo misterioso;
Não serás tu, queixume vaporoso,
O suspiro do Mundo e o seu lamento?

Um espírito habita a imensidade:
Uma ânsia cruel de liberdade
Agita e abala as formas fugitivas.

E eu compreendo a vossa língua estranha,
Vozes do mar, da selva, da montanha...
Almas irmãs da minha, almas cativas!

II

Não choreis, ventos, árvores e mares,
Coro antigo de vozes rumorosas,
Das vozes primitivas, dolorosas
Como um pranto de larvas tumulares...

Da sombra das visões crepusculares
Rompendo, um dia, surgireis radiosas
Desse sonho e essas ânsias afrontosas,
Que exprimem vossas queixas singulares...

Almas no limbo ainda da existência,
Acordareis um dia na Consciência,
E pairando, já puro pensamento,
Vereis as Formas, filhas da Ilusão,
Cair desfeitas, como um sonho vão...
E acabará por fim vosso tormento.

VOZ INTERIOR

A João de Deus

Embebido num sonho doloroso,
Que atravessam fantásticos clarões,
Tropeçando num povo de visões,
Se agita meu pensar tumultuoso...

Com um bramir de mar tempestuoso
Que até aos céus arroja os seus cachões,
Através duma luz de exalações,
Rodeia-me o universo monstruoso...

Um ai sem termo, um trágico gemido,
Ecoa sem cessar ao meu ouvido,
Com horrível, monótono vaivém...

Só no meu coração, que sondo e meço,
Não sei que voz, que eu mesmo desconheço,
Em segredo protesta e afirma o Bem!

AD AMICOS

Em vão lutamos. Como névoa baça,
A incerteza das coisas nos envolve.
Nossa alma, em quanto cria, em quanto volve,
Nas suas próprias redes se embaraça.

O pensamento, que mil planos traça,
É vapor que se esvai e se dissolve;
E a vontade ambiciosa, que resolve,
Como onda entre rochedos se espedaça.

Filhos do Amor, nossa alma é como um hino
À luz, à liberdade, ao bem fecundo,
Prece e clamor dum pressentir divino;

Mas num deserto só, árido e fundo,
Ecoam nossas vozes, que o Destino
Paira mudo e impassível sobre o Mundo.

A FLÓRIDO TELES

Se comparo poder ou ouro ou fama,
Venturas que em si têm oculto o dano,
Com aquele outro affecto soberano,
Que amor se diz e é luz de pura chama,

Vejo que são bem como arteira dama,
Que sob honesto riso esconde o engano,
E o que as segue, como homem leviano
Que por um vão prazer deixa quem o ama.

Nasce do orgulho aquele estéril gozo
E a glória dele é coisa fraudulenta,
Como quem na vaidade tem a palma:

Tem na paixão seu brilho mais formoso
E das paixões também some-o a tormenta...
Mas a glória do amor... essa vem d'alma!

A ALBERTO SAMPAIO

Não me fales de glória; é outro o altar
Onde queimo piedoso o meu incenso,
E animado de fogo mais intenso,
De fé mais viva, vou sacrificar.

A glória! pois que há nela que adorar?
Fumo, que sobre o abismo anda suspenso...
Que vislumbre nos dá do amor imenso?
Esse amor que ventura faz gozar?

Há outro mais perfeito, único eterno,
Farol entre ondas tormentosas firme,
De imoto brilho, poderoso e terno...

Só esse hei-de buscar, e confundir-me
Na essência do amor puro, sempiterno...
Quero só nesse fogo consumir-me!

COM OS MORTOS

Os que amei, onde estão? idos, dispersos,
Arrastados no giro dos tufões,
Levados, como em sonho, entre visões,
Na fuga, no ruir dos universos...

E eu mesmo, com os pés imersos
Na corrente e à mercê dos turbilhões,
Só vejo espuma lívida, em cachões,
E entre ela, aqui e ali, vultos submersos...

Mas se paro um momento, se consigo
Fechar os olhos, sinto-os a meu lado
De novo, esses que amei: vivem comigo,

Vejo-os, ouço-os e ouvem-me também,
Juntos no antigo amor, no amor sagrado,
Na comunhão ideal do eterno Bem.

SOLEMNIA VERBA

Disse ao meu coração: Olha por quantos
Caminhos vãos andámos! Considera
Agora, desta altura fria e austera,
Os ermos que regaram nossos prantos...

Pó e cinzas, onde houver flor e encantos!
E noite, onde foi luz de Primavera!
Olha a teus pés o Mundo e desespera,
Semeador de sombras e quebrantos!

Porém o coração, feito valente
Na escola da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,

Respondeu: Desta altura vejo o Amor!
Viver não foi em vão, se é isto a vida,
Nem foi de mais o desengano e a dor.

ÍNDICE DOS SONETOS
PELOS
PRIMEIROS VERSOS

A cruz dizia à terra onde assentava	119
Adornou o meu quarto a flor do cardo	44
Ali, onde o mar quebra, num cachão	67
Altas horas da noite, o Inconsciente	99
Amar! mas dum amor que tenha vida	40
Amem a noite os magros crapulosos	56
Aquela que eu adoro não é feita	42
Aqueles, que eu amei, não sei que vento	47
Ardentes filhas do prazer, dissei-me	121
Chamei em volta d'o meu frio leito	71
Chovam lírios e rosas no teu colo	43
Como um vento de morte e de ruína	123
Conheci a Beleza que não morre	79
Conquista pois sozinho o teu futuro	114
Deixai-os vir a mim, os que lidaram	98
Deixá-la ir, a ave, a quem roubaram	59
Depois que dia a dia, aos poucos desmaiando	51
Disse ao meu coração: Olha por quantos	134
Dorme a noite encostada nas colinas	112
Dorme entre os gelos, flor imaculada	123
Embebido num sonho doloroso	129
Empunhasse eu a espada dos valentes!	84
Em sonho, às vezes, se o sonhar quebranta	41'
Em vão lutamos. Como névoa baça	130
Entre os filhos dum século maldito	95
Erguendo os braços para o Céu distante	108
Espectros que velaís, enquanto a custo	78
Esperemos em Deus! Ele há tomado	92
Espírito que passas, quando o vento	81
Esse negro corcel, cujas passadas	103
Estava a Morte ali, em pé, diante	82
Estreita é do prazer na vida a taça	64
Eu amo a vasta sombra das montanhas	31

Eu bem sei que te chamam pequenina	32
Eu não sei quem tu és — mas não procuro	100
Eu vi o Amor — mas nos seus olhos baços	73
Força é pois ir buscar outro caminho!	114
Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo	122
Fumo e cismo. Os castelos do horizonte	77
Há mil anos, bom Cristo, ergueste os magros braços	76
Há mil anos, e mais, que aqui estou morto	111
Já não sei o que vale a nova ideia	54
Já sossega, depois de tanta luta	89
Junto do mar, que erguia gravemente	125
Lá! Mas onde é <i>lá</i> ? aonde? Espera	117
Longo tempo ignorei — mas que cegueira	100
Mãe — que adormente este viver dorido	85
Mas a Ideia quem é? quem foi que a viu	115
Mas o velho tirano solitário	109
Meus dias vão correndo vagarosos	93
Muito longe daqui, nem eu sei quando	88
Na capela, perdida entre a folhagem	49
Na floresta dos sonhos, dia a dia	99
Na mão de Deus, na sua mão direita	90
Na tua mão, sombrio cavaleiro	97
Não busco nesta vida glória ou fama	33
Não choreis, ventos, árvores e mares	127
Não duvido que o Mundo no seu eixo	66
Não me fales de glória; é outro o altar	132
Não morreste, por mais que o brade à gente	105
Não se perdeu teu sangue generoso	57
Nas florestas solenes há o culto	53
Nenhum de vós ao certo me conhece	120
No Céu, se existe um céu para quem chora	36
No meu sonho desfílam as visões	72
Noite, irmã da Razão e irmã da Morte	75
Noite, vão para ti meus pensamentos	69
Num Céu intemerato e cristalino	55
Num sonho todo feito de incerteza	87
O espectro familiar, que anda comigo	107
Oh! o noivado bárbaro! o noivado	116
Ó quimera, que passas embalada	83
Onde te escondes? Eis que em vão clamamos	106
Os que amei, onde estão? idos, dispersos	133
Outra amante não há! não há na vida	115
Ouve tu, meu cansado coração	80
Pálido Cristo, ó condutor divino!	113
Para além do Universo luminoso	74
Para tristezas, para dor nasceste	68
Pelas rugas da fronte que medita	46
Pelo caminho estreito, aonde a custo	96
Pois que os deuses antigos e os antigos	113

Porque descrês, mulher, do amor, da vida?	35
Pôs-te Deus sobre a fronte a mão piedosa	34
Quando nós vamos ambos, de mãos dadas	50
Que beleza mortal se te assemelha	91
Que nome te darei, austera imagem	101
Quem anda lá por fora, pela vinha	39
Razão, irmã do Amor e da Justiça	58
Reprimirei meu pranto!... Considera	94
Sai das nuvens, levanta a fronte e escuta	109
Se comparo poder, ou ouro, ou fama	131
Se é lei, que rege o escuro pensamento	104
Sempre o futuro, sempre! e o presente	61
Só! — A o ermita sozinho na montanha	63
Só males são reais, só dor existe	86
Só por ti, astro ainda e sempre oculto	65
Só quem teme o Não-ser é que se assusta	101
Sonhei — nem sempre o sonho é coisa vã	48
Sonho de olhos abertos, caminhando	126
Sonho-me às vezes rei, nalguma ilha	38
Sonho que sou um cavaleiro andante	60
Tu, que dormes, espírito sereno	52
Tu, que eu não vejo, e estás ao pé de mim	118
Tu, que não crês, nem amas, nem esperas	70
Um dia, meu amor, e talvez cedo	45
Um dilúvio de luz cai da montanha	62
Vai-te na asa negra da desgraça	37
Vozes do mar, das árvores, do vento	127

ÍNDICE DOS SONETOS POR TÍTULOS

Abnegação	43
Acordando	41
A um Crucifixo	57 e 76
A um poeta	52
A uma amiga	47
A uma mulher	68
Ad Amicos	130
Alberto Sampaio (A)	132
Alberto Teles (A)	63
Amaritudo	65
Amor vivo	40
Anima mea	82
Aparição	45
Aspiração	93
Beatrice	51
Com os mortos	133
Comunhão	94
Consulta	71
Contemplação	126
Convertido (O)	95
Das Unnennbare	83
Desesperança	37
Despondency	59
Diálogo	119
Disputa em família	109
Divina comédia	108
Elogio da Morte	99
Em viagem	96
Enquanto outros combatem	84
Espectros	78
Espiritualismo	123
Estoicismo	70
Evolução	122

Flório Teles (A)	131
Germano Meireles (A)	86
Hino à razão	58
Homo	120
Ideal	42
Ideia (A)	113
Idílio	50
Ignoto Deo	91
Ignotus	106
Inconsciente (O)	107
J. Félix dos Santos (A)	61
João de Deus (A)	104
Jura	46
Justitia mater	53
Lacrimæ rerum	75
Lamento	62
Logos	118
Luta	112
M. C. (A)	33 a 36
Mãe	85
Mais luz	56
Mea culpa	66
Metempsychose	121
Mors-amor	103
Mors liberatrix	97
Na capela	49
Na mão de Deus	90
Nirvana	74
No circo	88
Nocturno	81
No turbilhão	72
Nox	69
Oceano nox	125
O que diz a Morte	98
Palácio da ventura (O)	60
Palavras dum certo morto	111
Pequenina	32
Quia æternus	105
Quinze anos	31
Redenção	127
Salmo	92
Santos Valente (A)	64
Sepultura romântica	67
Solemnia verba	134
Sonho	48
Sonho oriental	38
Sulamita (A)	39
Tese e antítese	54 e 55
Tormento do ideal	79

Transcendentalismo	89
Velut umbra	77
Virgem Santíssima (Å)	87
Visão	73
Visita	44
Voz do Outono	80
Voz interior	129

A GERAÇÃO DE 70

Primeiro volume

«A Geração de 70»

por Álvaro Manuel Machado

Antero de Quental: *Textos Doutrinários e Correspondência*

Segundo volume

Antero de Quental: *Sonetos*

Terceiro volume

Teófilo Braga: *História do Romantismo
em Portugal I*

Quarto volume

Teófilo Braga: *História do Romantismo
em Portugal II*

Quinto volume

Oliveira Martins: *Portugal Contemporâneo I*

Sexto volume

Oliveira Martins: *Portugal Contemporâneo II*

Sétimo volume

Oliveira Martins: *História da Civilização Ibérica*

Oitavo volume

Oliveira Martins: *Portugal nos Mares* (antologia)

Nono volume

Ramalho Ortigão: *Holanda*

Décimo volume

Ramalho Ortigão: *As Farpas I* (antologia)

Décimo primeiro volume

Ramalho Ortigão: *As Farpas II* (antologia)

Décimo segundo volume

Gomes Leal: *Poemas Escolhidos* (antologia)

Décimo terceiro volume
Fialho de Almeida: *Contos*

Décimo quarto volume
Fialho de Almeida: *Os Gatos* (antologia)

Décimo quinto volume
Conde de Ficalho: *Uma Eleição Perdida*

Décimo sexto volume
Eça de Queirós: *Os Maias*

Décimo sétimo volume
Eça de Queirós: *Correspondência de Fradique Mendes*

Décimo oitavo volume
Eça de Queirós: *Notas Contemporâneas*

